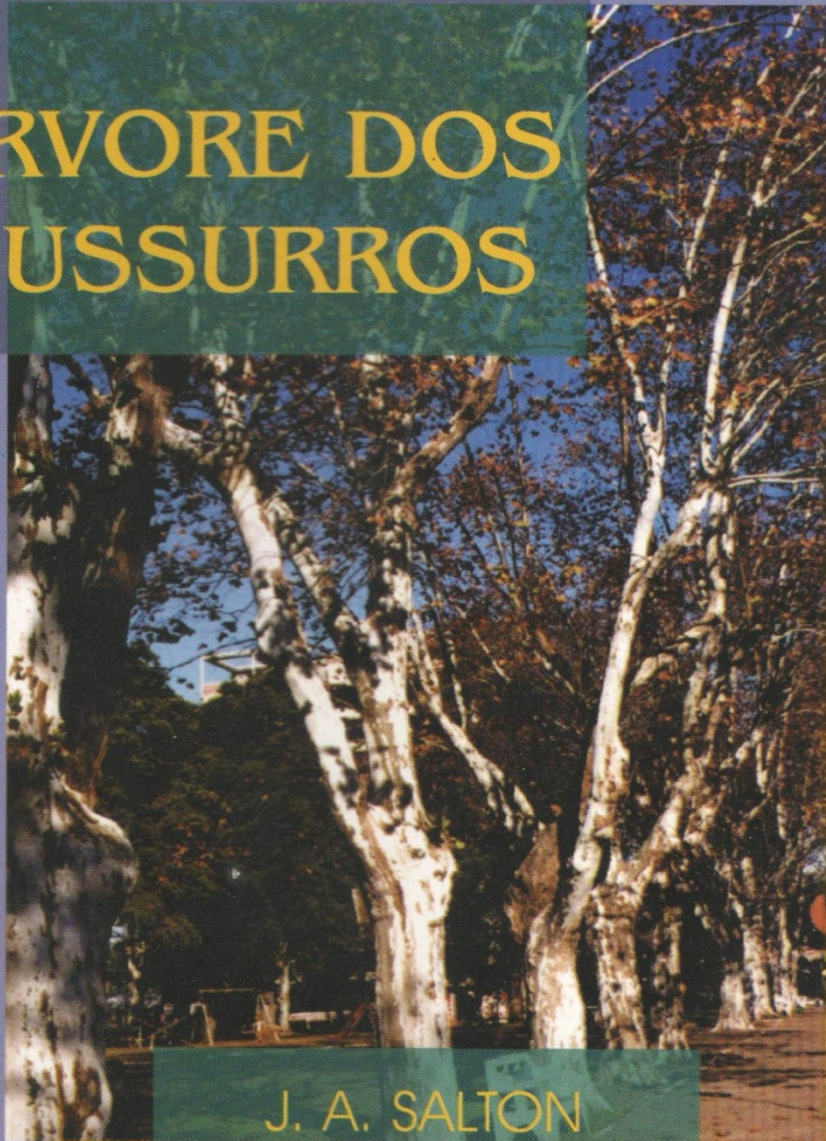


ÁRVORE DOS SUSSURROS



J. A. SALTON

Série
*Literatura
Romance*

Em *Árvore dos sussurros* existe uma história circular: Jorge Alberto Salton conseguiu, em pinceladas sutis, criar um quadro por onde passam a espera agoniada, a solidão, a expectativa, sonhos nebulosos. Tudo isto é posto em uma linguagem que flui com a suavidade dos arroios. Mistérios que não encontram seu desfecho se cruzam com esperanças que não encontram sua realização. A dureza das palavras volta e meia se dilui na delicadeza de certas atitudes. E o leitor mergulha na história, embalado pela sombra e pelos sussurros das árvores que permanecem na espreita do que acontece.

Eric Nepomuceno
escritor

Jorge Alberto Salton

Árvore dos sussurros



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2015

Jorge Alberto Salton

Árvore dos sussurros

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Do livro: Romance, 2ª Ed. -Passo Fundo: UPF, 1997. 112p.; 21cm.

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para: Creative Commons, 444 - Castro Street, Suite 900 - Mountain View - Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 27/05/2015

S179a Salton, Jorge Alberto

Árvore dos sussurros [recurso eletrônico] / J. A. Salton. –
Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2015.
2,14 Mb ; PDF.
ISBN 978-85-8326-134-6

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira. I.
Título.

CDU: 869.0(81)-31

Para ser lido nos cantos.

Rápido, rápido, só terei dez minutos para vê-lo, pensa ordenativa Angelita, enquanto prende a saia na cintura, calça os sapatos, retoca o batom, alisa os cabelos, fecha a porta e deixa a chave do quarto no balcão surrado do hotel. Marilena, a proprietária, insiste e a faz borrifar perfume doce na face, enquanto lhe fala, ainda perplexa, do assassinato de um homem, acontecido ali na calçada defronte.

Angelita não quer se atrasar nenhum segundo. Faltam ainda quarenta minutos e já está na praça antiga, toda ela rodeada de enormes pés de plátanos, a meia quadra do local de encontro.

Faz os caminhos da praça. O canto dos pássaros e as vozes altas das crianças se desprendem do barulho do trânsito.

Sempre fora encantada por ele. Ultimamente, ainda mais, conclui, desde que notei quanto as garotas olhavam para ele de olhos arregalados. E ele é bonito, se é. Sempre achei, mas depois que vi quanto era desejado e paquerado... E é um atleta, atleta destacado. Sensível. Às vezes, só às vezes, grosseiro e desatencioso.

Senta em um banco localizado próximo ao centro da praça. Vendo as crianças no escorregador, outras no balanço,

lembra aquela vez em que ele, por iniciativa própria, pequenininho, atravessou a rua para lhe comprar um pente, pente de plástico. Primeiro presente. Presente de Dia das Mães.

02

Faltam vinte e três minutos.

Atravessa duas ruas. Em segundos, está a mostrar o passe ao guarda da portaria.

Entra.

Há dias - não muitos, mas para ela uma eternidade - espera essa oportunidade. O maldito problema da infecção! E ainda, por azar, a crise de tosse. Foi preciso fazê-la cessar. Por sorte, encontrara informalmente o diretor do hospital no corredor principal. Consegue, através dele, um acordo com os dois médicos que atendem na enfermaria. Vai proceder a todo o ritual: lavar as mãos e os braços com escova, vestir roupa desinfetada e não sei lá o que mais. Eles estão certos, me explicou o diretor, a infecção é o grande perigo de quem se recupera de uma queimadura. Mas, concordou ele, o paciente precisa do carinho da família. Nem oito nem oitenta.



Já estava desesperada sem ver meu filho. Mas, Deus me livre levar infecção a ele! Passei quase a manhã tomando banho. Se for preciso, pago taxa extra. A Marilena é compreensiva, tem filhos também e, sorte, nenhum ainda se acidentou.

Angelita está pronta: avental, calçado de pano e gorro. Além de seu filho, mais três pacientes, também com queimaduras, estão na enfermaria. É a lotação máxima da Unidade Hospitalar para Queimados, acaba de lhe informar a enfermeira morena, gorda, de voz melodiosa, um pouco mais velha que ela.

Angelita cruza a porta, sentindo um friozinho, um friozinho especial que principia na barriga e sobe pelas costas até o pescoço:

- Meu Deus! Jackson! Onde você está, meu filho?! Por que esse... esse plástico à tua volta?!

- Mãe! Finalmente você veio! Chegue mais perto para eu ver você melhor! Como você custou para aparecer, mãe!

Angelita sente o coração bater forte ao se aproximar o mais que pode da cortina de plástico transparente que cerca todo o espaço em volta do leito.

- Não me disseram, meu filho, que você estaria assim... dentro disso!

- Mãe, minha situação está horrível. Não vejo a hora de sair desta bolha e deste hospital! É uma tortura, não, não... é pior. Pior até do que aqueles que foram torturados pelo exército argentino, pela Gestapo, sei lá...

- Mas, meu filho, todos dizem que o hospital é dos melhores.

- Não me deixam em paz. Todo dia aparece o médico e tira mais um pedaço, faz mais um enxerto e isso dói, dói demais. E injeção, se fosse uma... Vem outra mulher e quer que eu faça exercício nos braços. Para os outros pacientes é tudo em menor escala.

Angelita observa de soslaio os outros leitos, não consegue desviar seu olhar do rosto de Jackson.

- Meu filho, uma notícia boa: o diretor do hospital está disposto a nos ajudar.

- Uma atendente da noite tem má vontade comigo. Demora muito quando eu peço remédio pra dor. E depois, só tem um aparelho de televisão. Aquele cara ali do canto não aceita ver jogo de futebol. Começa a gemer de propósito, chama as enfermeiras...

- Vou conseguir uma televisão só pra ti!

- Mãe, pena que eu não possa te tocar!

Foram-se os dez minutos. Angelita acaba de trocar, no vestiário, os sapatos de pano pelos seus. Meu Deus!, exclama interiormente. É tomada por fraqueza, pensamento lento, vontade de morrer. Não pode morrer! Muito terá de fazer por Jackson!

Levanta-se forte:

- Quero falar com o médico! - exige da enfermagem.

É levada ao corredor pela enfermeira morena que transparece enfado, aquele enfado criado pela rotina. Ouve que é preciso aguardar. Com sorte, falará até com os dois médicos da Unidade Hospitalar para Queimados, como está escrito na parede à sua direita.

Espera.

Os médicos não poderão atendê-la, estão com casos graves. Mas, fique calma, garante-lhe uma auxiliar de enfermagem, fique calma que amanhã, antes ou depois da visita, com certeza, vai vê-los.

- Visitas de dez minutos - reafirma com voz melodiosa a enfermeira morena em cujo crachá se lê o nome Lourdes. - Esperar, saber esperar, é essa a maneira de você contribuir com o tratamento de seu filho - finaliza antes de retornar apressada à Unidade.

03

Será gostosa a comida do hospital?, questiona-se Angelita, enquanto aguarda que lhe sirvam a janta.

Vê, na parede, ao fundo, um desenho de muitas cores, balões vermelhos, brancos, amarelos, crianças de patinete, homens vestidos de maiô antigo, um chafariz que se derrama sobre um laguinho azul, a Torre Eiffel e um pássaro branco por entre nuvens também brancas. O homem de maiô verde levanta um haltere em uma das mãos. Recorda-se do pai, com aquelas repetidas, mas gostosas brincadeiras de erguê-la quase ao teto. Pouca coisa mais guardou dele. Há muito definira-o como pai ausente. Talvez com ele, conforma-se, eu tenha aprendido a não precisar de homem nenhum. Estou aqui sozinha.

O aparelho de TV. Se tivesse dinheiro para comprar um bem novinho, desses pequenos que trazem do Paraguai. Nem quero pensar em dinheiro, porque o seguro de saúde não cobre todas as despesas. Alfonso já vendeu o carro. Era velho, deu para a caução. E o resto?

Eu sei que os médicos devem fazer todos aqueles procedimentos e é natural que haja um pouco de dor. Mas, por



que aquela mulher do turno da noite demora para atendê-lo? Pode existir pessoa ruim assim?!

Janta pouco, lentamente, com o olhar absorto. O garfo que cai a faz perceber que está, sem querer, a mirar um homem de vasta cabeleira branca, tórax arredondado, respiração ofegante, sentado numa mesa próxima ao quadro colorido. Agora que o viu, sente dificuldade em parar de olhá-lo.

Retira-se, procurando não parecer indiscreta. Não sente atração feminina por ele. Mais parece alguém que lhe lembra seu ausente pai, talvez um avô.

Cansada de caminhar pelo quarto, senta-se frente à tosca mesa que serve de penteadeira. Vê seu rosto no espelho antigo dependurado a um prego na parede. Algumas rugas? Que importa isto agora?

Meu Jackson, como foi te acontecer isso? A mania de entusiasma-lo a aprender e aprender... Inventou de lidar com motor de carro, e eu: “Isso mesmo, vá em frente, um dia você poderá precisar”. Quis exibir-se para o Leandro, começou a procurar o defeito. Leandro nem queria, queria levar o carro a um mecânico. Quis impressionar o amigo mais rico. O motor explodiu.

Caminha pelo quarto.

Que horror! Saltou óleo quente em todo o seu tórax, nos braços também. Ele gritou. Eu saí correndo porta afora. Que horror! Por que sempre essa mania de querer que os filhos aprendam uma profissão?!

Senta sobre a cama.

E agora? Agora não posso errar. Devo ser objetiva. Economizar o máximo em meus gastos nesta cidade. Juntar dinheiro para custear todo e qualquer tratamento. Fazer amizade com os médicos e com as enfermeiras. Devo me aproximar mais do diretor do hospital. Não posso adoecer. Não posso carregar nenhuma bactéria para meu filho. Rezar e fazer promessas.

Vai ao banheiro.

Onde vou conseguir o aparelho de televisão? Será necessário desinfetá-lo?

Volta a sentar na cadeira que acompanha a mesa-penteadeira. Absorta a pensar no aparelho de TV, abre um pouquinho a gaveta da mesa, quase sem notar. Puxa mais, ela é comprida. Abre-a toda e percebe, bem no fundo, um pequeno pacote do tamanho da metade de uma caixa de charutos. Distraída, retira-o, ainda pensando na TV. Aos poucos, vai-se dando conta do que tem nas mãos. Escrito em inglês: New



York. Alguns selos, muitos carimbos. Ao ouvir batidas na porta, devolve-o à gaveta.

É Marilena, querendo saber se precisa de algo e emendando mais dados sobre o assassinato. A vítima e o criminoso eram amigos, freqüentavam seu restaurante sempre que o Sr. Olmedo - aquele de cabelos brancos que sofre de enfisema - hospedava-se no hotel.

Quanto custa uma TV usada?, pergunta-se Angelita, já sem a visita, procurando se entregar ao sono. No quarto escurecido, busca uma imagem relaxante: só lhe vem a do quadro dos balões coloridos. Às vezes, a cabeça branca do Sr. Olmedo intromete-se, trazendo-lhe uma pitada de curiosidade, de boa curiosidade.

04

Angelita apronta-se rapidamente e desce ao restaurante.

Nesta manhã, há movimento. Apressada, esbarra num homem grande, gordo, de gestos lentos e barba espessa.

- Me chamo Aldo, mas a maioria se refere a mim como Deus, Deus-Aldo.

Ato contínuo, apresenta Thirso, seu companheiro de mesa, homem magro e pequeno. Apressada, Angelita conta estar atrás de uma televisão para seu filho de dezesseis anos que está hospitalizado. Thirso lhe diz ser paciente de hemodiálise, por isso se hospeda ali. Tem um aparelho de televisão daqueles pequenos, comprado no Paraguai. Vai emprestar-lhe.

Em minutos, Angelita caminha, respirando fundo o ar fresco da manhã. Com a televisão em um dos braços, observa os inúmeros e imensos plátanos que, em fila, fazem todo o contorno da antiga praça, colorida de verde e, mais ainda, de amarelo. A praça a faz lembrar-se do quadro. Faltam os balões coloridos, a Torre Eiffel. Acha graça, falta muito. Mas a sucessão de enormes plátanos a tornam de uma beleza majestosa e única.

No hospital, insiste com o porteiro, intercede junto a uma enfermeira, a um acadêmico de medicina, a um médico que passa por ali... Consegue entrar.

Passado muito tempo, encontra o diretor: de baixa estatura e riso largo, domina a conversa de um grupo de médicos. Afastando-se dos colegas, vai até ela.

Pacienciosamente, enquanto esfrega o lenço numa das lentes de seus óculos de grau, explica que já aconteceu de uma atendente ser transferida da Unidade por negligência:

demorava um pouco além do necessário para alcançar medicação contra a dor, para retirar a comadre; deixava a bandeja de alimentos esfriar. Ele iria verificar se algo assim estava acontecendo. Que ela fizesse as críticas só para ele ou para o Dr. Delfino, um dos médicos da Unidade, porque eles já eram "raposas velhas" e, nessas alturas, não possuíam mais vaidades ou outras coisas que fazem as críticas doerem.

- Peça-lhe paciência, muita paciência. O pessoal do hospital é humano e vulnerável a críticas. O hospital não é um local onde a raiva é bem tolerada.

O diretor ficou com o aparelho de televisão, iria introduzi-lo na Bolha. Angelita volta à praça e senta-se num banco embaixo de um plátano que, diferente dos outros, está fora da fila, sozinho.

Ufa, vitória!, pensa. Tomo um longo banho e almoço, mesmo sem fome, porque não posso enfraquecer. Deus me livre levar infecção para meu querido Jackson!

Angelita permanece na praça: distrai-se com as crianças e com os passarinhos.

- Mãe!

Jackson aciona o controle remoto e baixa o som da TV:

- Agora, pelo menos, comando algo.

- Meu filho, o diretor está nos ajudando.

- Continuam a me tirar pedaços. Sofro dores horríveis!

- O diretor, se for preciso, vai trocar aquela atendente ruim...

- Eu quero é sair daqui quanto antes! Por que aconteceu logo comigo?! Que carro de merda! Onde se viu explodir o motor?! Mãe, eu nem sei no que mexi! Bem que o Leandro queria levá-lo pra oficina...

- O importante, meu filho, é que você vai ficar bom.

- Não sei, não sei... Ontem ouvi o Dr. Drácula...

- Quem?

- Drácula, sim. Só pode ser Drácula. Tem prazer em sangue. Odeio esse cara! Ontem ele estava perto da janela, conversando com a enfermeira Lourdes; apontava para esse lado e falava em queimadura de não sei quantos graus em sessenta por cento do corpo. Mãe, qual é a pior? Primeiro ou terceiro grau?

- Vou perguntar, meu filho. Hoje vou encontrar os médicos.

- Por que só eu nesta Bolha?

- Vou perguntar...

- Mãe, eu queria tocar você ... eu queria tocar em alguém. A Saletinha telefonou? Você nem sabe, mas eu fiquei com ela nos últimos sábados. Que saudades dela! E eu preciso sair logo daqui, porque acho que passei no pré-teste do Inter. Porra, que azar! Tenho de entrar em forma logo!

Angelita retira os sapatos de pano a se lastimar em silêncio. Meu Deus! Pobre Jackson! Por que isto não aconteceu a mim?!

No corredor, espera a vez de falar com os médicos.

Unidade Hospitalar para Quei-mados, repete Angelita em pensamento, lendo a abreviatura UHQ. Dá-se conta de que hoje havia um leito vazio. Melhorou ou morreu? Meu Deus, como posso falar em morte assim?...

- A senhora é a mãe do Jackson? Passe aqui!

Médico novo, pensa Angelita. Não deve ser o Dr. Delfino... deve ser o Dr. Drácula. Ri interiormente, riso nervoso. Como será seu nome?

Pergunta.

- Então a senhora ainda não sabe? Os pacientes e os familiares hoje não se interessam mais em saber o nome do médico. Não passamos de trabalhadores anônimos como aqueles que atendem nos guichês.

- Mas estou lhe perguntando... é sinal de que me interessa.

- Poderia ter se informado antes. Bem, não é o caso. O caso é Jackson. Devo ser franco, sou sempre assim. Não sou como esses que ficam dourando a pílula, enrolando. Tenho dez anos de formado, sei que a realidade sempre se impõe.

- O que o senhor quer me dizer, doutor? - aflige-se Angelita.

- O caso é grave. Muito grave. Por isso ele está na Bolha. A senhora sabe para que serve a Bolha? Em verdade se chama BCNU, sigla que, traduzida do inglês, quer dizer: Unidade de Cuidados de Enfermagem com Bactérias Controladas. Ali dentro, numa área de 1,8 m por 3 m, o ambiente é totalmente controlado. A temperatura é de 31 graus centígrados. Há um fluxo contínuo de ar isento de bactérias. A umidade desse ar varia entre 88 e 92 por cento. Assim, consegue-se diminuir a perda de calor e a perda evaporativa de água pelo organismo. A senhora sabe qual a vantagem? Com a

Bolha, reduz-se a energia necessária para manter o calor do corpo.

- Doutor, - interrompe a agoniada Angelita - eu sou professora, mas não consigo guardar na memória tudo isso que o senhor está me contando. Depois, meu marido vai querer saber, nós não moramos aqui e...

- Não há descrição mais simples e acho mesmo que a única coisa que a senhora pode fazer é esperar.

- Quem sabe... se eu pudesse vê-lo por mais alguns minutos...

- Não! Por mim, ninguém entraria lá minuto nenhum!

- Mas dez é... é tão pouco!

- Não! Será que a senhora ainda não entendeu?! O que mata o queimado é a infecção! A área queimada já é naturalmente infectada pela flora do próprio paciente, mais a dos outros pacientes da Unidade, mais a da equipe de atendimento... Não basta? Visitas?! Ora, dona... como é mesmo seu nome?

- Angelita.

- Dona Angelita... Se não houvesse um sujeito firme por aqui, o índice de mortalidade da Unidade seria bem maior.

O médico retira-se apressado, consultando o relógio.

Angelita perde-se nos corredores do hospital. Normalmente já tinha dificuldades em se localizar naquele imenso prédio, repleto de caminhos, de pessoas circulando com avental branco, avental azul, sem avental. Sente uma angústia sem fim.

06

Perambula pelos caminhos da praça.

Acaba sentada naquele banco de ontem, sob a sombra do imenso pé de plátano. Olha para ele debaixo para cima e fixa-se numa de suas folhas. Enquanto ela estiver firme no pé, tudo vai andar bem. Se ela cair... Quando o vento brinca com a folha, todo seu ser treme. Idéia boba, sentenciamos.

Voltando o olhar para a copa do plátano, tem sua visão tomada pela penugem vermelha de um pequeno e quieto passarinho. Logo, outro de igual penugem divide o mesmo galho. São mais felizes, conclui. São mais felizes, apenas vivem... sem nunca saberem do fim...

Ao levantar os olhos, vê Thirso e Deus-Aldo caminhando pela praça. Sente vontade de se esconder. Mas... até que seria bom conversar com Thirso, ele conhece melhor o hospital do que eu, conclui.



Deus-Aldo está rindo. Ao vê-la, aproximam-se sérios.

Bem alinhados. Thirso usa gravata. Sente vontade de perguntar por que chamam Aldo, o grande e gordo, de Deus. Lembra-se das películas do Gordo e o Magro. Vê semelhança apenas física, pois Thirso, o magro, parece-lhe pessoa bastante inteligente e refinada. Refinada até demais. Casal homossexual? Na sua pequena cidade, não seriam bem vistos.

- Angelita, - diz-lhe Thirso - pena que não se podem engessar as cabeças como se faz com as pernas. Eu engessaria a minha para parar de aspirar ao transplante de rim que nunca acontece. Não encontro doador. Estou numa fila em que nunca chega a minha vez. Pobre de você, Angelita, é pior sofrer por um filho do que por nós mesmos.

Angelita trata-os com delicadeza, mas não deixa a conversa prosseguir. Por uma estranha razão, prefere se retirar para a solidão do quarto. De repente, saem-lhe as palavras:

- Não vou compartilhar meu filho com ninguém!

Existem pessoas indiscretas, segue pensando. Tem a sensação de que não está a falar de Thirso. Simpatiza com ele... até lhe emprestou de pronto a televisão!

Permanece no quarto aquele resto de dia.

Meu Deus! Dr. Drácula disse que o caso é grave. Daí a necessidade da Bolha. Sujeito rude. Tomara que um dia se queime e vá parar lá como paciente!

Pensando bem, é melhor um sujeito rude, mas que salve meu filho da infecção. Ele não quer minha presença lá. Já imaginou, eu infectar meu filho!? Não, isso já seria horror demais. Não há nada que possa me fazer interromper esse desfile interminável de especulações pessimistas?! Essa loqüela... Loqüela? Que quer dizer loqüela? De onde tirei essa palavra?

Já é noite.

Resolve não jantar. Pronta para deitar, olha-se no espelho e murmura:

- Sou aquela mãe que vai chorar...

Diante do espelho, representa o papel de quem chora e a representação a faz realmente chorar. Posso tanto ser uma mãe durona como o Dr. Drácula, ou uma que chora.

Devo ser a mãe prática, pensa já deitada. Muito prática. Amanhã vou falar com o outro médico. A situação de meu filho não pode ser tão grave assim. Ele vai sair do hospital e... vai jogar no Inter. Jackson é um superatleta. Vai jogar na seleção. Em qual Copa? Ora, não sei, nunca me interessei muito por futebol. Na Copa do Japão, talvez.



Angelita relaxa e deixa-se invadir pelo sono.

07

Os primeiros raios do sol refletem o verde-amarelo das folhas dos plátanos. Angelita olha-as sem muito entusiasmo.

Senta na cadeira da penteadeira e alisa os cabelos em câmara lenta, quase imóvel. Depois, permanece paralisada, pensando no nada.

Quando dá por si, a gaveta está aberta. O pacote... novamente o pacote. Interessante, os selos demonstram que ele nunca foi aberto. Consta um endereço ilegível...

Angelita desce para o café. Encontra Marilena, colocando talheres nas mesas, e seu marido, homem que chama a atenção pela magreza e pelo rosto enrugado, a um canto, lendo jornal e fumando.

- Lendo a edição de ontem, sempre atrasado... -
queixa-se Marilena. - Não tem ação nem boca pra nada. Mas...
arrumo outro?

Angelita tem vontade de dizer que também quer separar-se, que só parou de pensar nisso temporariamente.

- Esse vive no passado - apontando para o marido - só fala no avô que lutou no Corpo de Provisórios. E isso já faz mais de setenta anos. Com certeza vai insistir para que você leia *Por Sertões e Coxilhas* (1*). O avô dele ficou muito queimado numa daquelas lutas, mas se salvou. Morreu depois, de cirrose. Viu?! Se salvou, e isso com os péssimos recursos da época. Seu filho vai se salvar, estamos todos aqui torcendo. Aliás, como você deve ter notado, aqui parece uma extensão do hospital. É doente, é familiar de doente... O Sr. Olmedo precisa ficar por perto, quase não respira. Até médico... Este que vem chegando não pára aqui, faz apenas algumas refeições: Dr. Dalbert, psiquiatra. A mulher deixou dele.

Angelita já falara com o Dr. Dalbert por telefone. Natural de sua cidade, era ponto de referência para as pessoas de lá em busca de especialistas. Indicara o Dr. Delfino. De estatura média-alta, ombros largos e óculos de aro azul, pareceu-lhe vaidoso no vestir; calculou ter menos de quarenta

¹ (*)N.E.: *diário de Pedro Salles de Oliveira Mesquita sobre as sofridas marchas e combates do 6. Corpo Provisório organizado para reprimir a Coluna Prestes e a revolta paulista de 1924/25.*

anos. Apresentados, falaram apenas o necessário para se reconhecerem.

Após o café, Angelita circula pelos caminhos da praça. Todos me dizem que tenho de ter paciência. Muita paciência.

Senta-se no banco de sempre. Resiste em olhar a folhinha, aquela que, se caísse... Meu pensamento não descansa, ando pegando manias. Devo ficar lúcida, prática, racional.

Não sei mais o que devo pensar. Quem sabe me aproximo desse Dr. Dalbert, afinal, é psiquiatra...

A vida continua, mal ou bem, continua. E eu ainda devo me separar...

Aquela vez em que fui a Porto Alegre... Por mais que Alfonso permanecesse negando, ele sabia que eu sabia da amante. Fui a Porto Alegre... Estava cansada de dizer que não suportava mais e que iria me separar. Afinal, fui. Acabei num bar. Homens me paqueravam, não sou feia.

Parece que não estou apenas pensando, mas contando para alguém. Contando para alguém?! Para minha mãe?

Bem, me senti rodeada, solicitada naquele bar. Ora, não sou mulher nova, quarenta anos, há tanto tempo casada.

Me senti vaidosa, apenas por instantes. Depois, sobreveio a angústia. Se alguém dali entrasse na minha vida...

De repente, uma interrogação: E se Jackson estivesse entrando por aquela porta e me visse ali, daquele jeito? Fui embora.

Sei que fui eu que convoquei Jackson em minha imaginação para me tirar dali. O amor por Jackson me protege do mundanismo dessa vida.

Bem... mas e daí? Que me sobra? Um marido em quem não confio mais? E se Jackson morre? Nunca, nunca devo pensar nessa possibilidade!

08

- Mãe, não consigo dormir, estou exausto.

- Meu filho, eu tenho muitas saudades. Falei com um dos doutores, a Bolha é necessária.

- Estou mal, muito mal. Pior é impossível.

- Pude ver que os médicos são sérios. Sabem o que fazem.

- Se eles ao menos soubessem me dizer quando voltarei para casa.

- Perguntarei ao Dr. Delfino.

- Não sei se vou voltar. Hoje de manhã chegou essa menina para o leito vazio. Ela chora muito. Tento falar com ela. Ela não responde. Parece eu, logo que aqui cheguei. Ninguém é feliz, mãe.

- Meu filho, eu não sei o que dizer... ando desnorteada e...

- Tomara que o caso dela seja melhor do que o meu. Coitada, chora tanto. Quero saber o que houve com ela. Quero saber a idade dela. Será que ela se salva?

- Meu filho, eu quero fazer todas as tuas vontades... me peça alguma coisa, por favor!

- Me tira daqui, já! Brincadeira, mãe, brincadeira... Ah, preciso saber se passei no pré-teste do Inter. Você tem de se informar para mim.

- Meu filho, eu soube de pessoas que se queimaram mais e se salvaram mesmo sem os recursos de hoje.

- Mãe, eu quero saber é do Inter. Só isso, só do Inter, viu? Por favor, não me fale mais em doença. Chegam as horas de debridamento dessas feridas, você não imagina a dor que eu

passo, ninguém imagina. Descubra, por favor, descubra se eu vou ser chamado para completar o teste no Inter. Só isso que eu quero, nada mais.

- Garanto que na visita de amanhã eu já terei a resposta. Fique tranqüilo.

- Avisou em casa de meu estado? O pai precisa saber, a Ana Maria e o Fábio, também. Mande eles dizerem para a Saletinha que eu estou bem... mesmo que isto não seja verdade. Ninguém mais pode entrar aqui? Eu queria que todos eles entrassem, menos a Saletinha, ela não pode me ver assim... estou horrível. Também não quero que o Leandro me veja.

Enquanto é conduzida para o vestiário pela enfermeira Lourdes, Angelita dá uma olhadela nos outros leitos: dois homens aparentando quarenta anos e a menina. Timidamente, pergunta sobre o paciente que antes ocupava o leito. Alívio: não morreu, continua o tratamento em casa.

Esperando no corredor, vê o Dr. Drácula passar, perseguido por um casal:

- Os pacientes sempre reclamam do tratamento da queimadura. Dizem que parece desumano e cruel. Somos obrigados a submetê-los à enxertia, um processo no qual criamos novas e dolorosas feridas, retirando pele boa para cobrir as lesões.

- Mas, e os analgésicos?

- Sim, é óbvio que os receitamos. Mas os pacientes sentem mais dor do que a real, porque estão naturalmente com medo da morte, ou de alguma deformidade permanente, ou de perderem o controle... comecem a gritar...

- Doutor, e o Bioskin?... Li na *Folha de São Paulo* sobre essa pele artificial, fabricada na Paraíba...

Angelita não consegue ouvir mais nada, já caminham longe. Meu Deus!, suspira. Devem ser os pais da menina, deduz. Eles não merecem ouvir isso tudo. Meu Deus! Sente um peso na cabeça, um desconforto insuportável. Não há nada naquele corredor que lhe sirva de alívio. Procura imaginar-se por entre os balões coloridos do quadro do hotel, olhando para o céu a apreciar as nuvens brancas, tendo atrás de si o riso das crianças. Lá, no alto da Torre Eiffel, tremula uma bandeira, sinal de que há vento refrescante.

Logo vê-se frente ao Dr. Delfino:

- Angelita, posso chamá-la assim?

- Sim, sim, prefiro.

- Bem sei quanto é triste a situação que Jackson e... e que nós também, que o acompanhamos, estamos vivendo. As queimaduras acontecem rapidamente. Não existe tempo para

que a pessoa se prepare, se é que é possível se preparar. O fato é que a pessoa vem vivendo normalmente e, de repente, cai ferida, com muita dor. É hospitalizada, tudo é interrompido...

Angelita ouve um falar calmo. De aparência um pouco mais velha que a dela, magro e alto, usa terno amassado e óculos de lentes bem redondas. Ora olha bem em seus olhos, ora revela um olhar absorto, fixo em algum ponto imaginário. Como quem olha para o passado, supõe Angelita.

- Jackson adapta-se à sua situação e isto é muito positivo. É o primeiro passo. Deve aceitar depender quase que totalmente de outras pessoas. Você agiu bem ao trazer a televisão, Angelita. É difícil suportar esse estresse contínuo da Unidade sem um momento de distração, de um mínimo de prazer. Como você sabe, o prazer é o cimento que nos mantém unidos, para que possamos agüentar as coisas mais angustiantes. O paciente queimado não tem acesso ao prazer por um período muito prolongado.

- Doutor, eu preciso saber por quanto tempo meu filho permanecerá longe de casa...

- Angelita, só com o tempo saberemos. Mas, o período pior é este; depois, se a evolução for a que nós esperamos, tudo tende a melhorar. Veja: a sobrevida é impossível, nas queimaduras extensas, se a lesão não for ressecada e

fisiologicamente coberta no decorrer de três semanas. Este processo é doloroso. E é isto que estamos fazendo agora. Depois, Jackson vai ficar mais aliviado. Vamos tirá-lo da Bolha e assim por diante.

- O que é que eu posso fazer por ele?

- Sugiro coisas simples, mas muito importantes. Traga-lhe notícias de fora e sempre algo. Algo para comer, por exemplo, ou para beber, ou alguma curiosidade. Ele me contou um sonho: via-se diante de um copo de guaraná, não podia alcançá-lo. Um vento empurrava o copo para mais longe.

- Por que ele não me contou? Significa alguma coisa esse sonho? O senhor, que tem experiência...

- Angelita, um conselho: não teorize, aja. Traga-lhe guaraná e pronto. Não busque significados. Ah! Não permitimos espelhos na Unidade. Não é tanto por ele, é pelos outros pacientes que estão mais desfigurados. É por Taísa, a menina de quatorze anos que baixou hoje.

Dr. Delfino quis ser gentil, pensa Angelita, enquanto se retira do hospital. Jackson está muito desfigurado. O tórax todo queimado, o óleo respingou nos braços e também um pouco na testa.

Encontra com facilidade a porta de saída.

Agora sei qual é o meu papel, medita Angelita: guaraná, notícias do Inter, pequenas coisas.

Senta-se no banco de sempre, sob as folhas coloridas do mesmo pé de plátano. Levanta lentamente o olhar e, sem muita consciência do que está olhando, fixa-se na pequena parte visível do hospital. Vê-se vindo de lá, caminhando até onde está, sozinha, abatida.

Quando perdi minha avó, lembra, no primeiro momento, acreditei que ela estava apenas ausente. Pequeno instante. Logo percebi que estava morta. Me veio o horror. Sim, horror.

Depois, me comuniquei com ela. Como? Não sei. Mas senti que me comuniquei com ela. Chorei, sofri, e não me veio mais o horror.

Vovó queria estar em casa conosco no Natal, como era tradição. Não estava nada bem, acharam melhor que ficasse no hospital. Ela e mamãe conversaram sobre os presentes. O sol estava se pondo. Vovó deu uma palmadinha em minha mão...



Eu e mamãe fomos para casa. Vovó pediu que erguessem a cabeceira da cama e viu seu último pôr-do-sol.

Parece que eu penso para alguém, surpreende-se Angelita. É como se eu estivesse me comunicando por telepatia.

No hotel, recado do marido, pedindo notícias.

10

Acorda mais tarde que o habitual.

Frente ao espelho da penteadeira, lembra-se da recomendação do Dr. Delfino e pergunta-se: O que devo levar a Jackson?

O pacote?

Sim, por que não levar o pacote? Não há mesmo outra coisa.

Na portaria do hotel, recado do marido: virá no domingo, com os filhos, de ônibus; além das férias e do carro, vendeu o aparelho de som.

- Você é uma mulher bonita.

Angelita reage constrangida. Acaba de ser colocada por Marilena na mesa em que o Dr. Dalbert toma café. As outras todas estão ocupadas. Acha-a bonita. Só isso. Nem ele, muito menos ela, explica o doutor, estão em condições de flertar.

Marilena havia contado detalhes do estado de Jackson a ele que recém fora deixado pela mulher, a qual acabara de assumir com outro no Rio de Janeiro. Homem rico. A filha foi junto. Pior de tudo, ironiza, é ser bem tratado pela ex-mulher. Telefona, dizendo querer ser sua amiga. Aparentemente se preocupa com ele, mas também lhe cobra favores: Deve ir ao hospital, ver como está o tratamento do filho de uma amiga comum, internado na pediatria.

Angelita estranha o fato de alguém ir contando assim seus problemas. Ela tão reservada... Não sabendo muito o que dizer, pergunta como proceder para descobrir se Jackson foi aprovado nos juvenis do Inter. Dalbert a levará ao cônsul do time na cidade. Primeiro passarão no hospital, para saber do filho da amiga da "ex".

Na calçada, Dalbert conta onde ocorreram os tiros. Ele conhecia os dois envolvidos, pouco, mas conhecia, eram amigos do Sr. Olmedo. O crime ocorrera três dias antes de

Angelita chegar. Davam-se bem, é difícil compreender o que houve.

No caminho, Dalbert conta da falta que sente da filha Mariana, doze anos. Deu-lhe um telefone celular. Ele anda com outro. Comunicam-se a toda hora, dos mais variados lugares. Estão mais próximos agora do que quando viviam na mesma cidade, no mesmo apartamento.

Na sala de espera da CTI pediátrica, Angelita ouve uma mulher dizer a outra: "Nada pode nos salvar! Nada!". Balbucia a frase, baixinho, para si: "Nada pode nos salvar, nada pode..."

- Que posso fazer pela senhora? - pergunta um médico.

A mulher responde:

- Nada. Apenas Luisinho poderia fazer alguma coisa por mim.

O médico reúne as mães que ali estão numa sala. Uma psicóloga coordenará o encontro. Angelita, quando vê, está sentada junto ao grupo. Não ouve direito o que falam.

- Vire-me para você, para que eu possa vê-la - parece que uma mãe contou ter ouvido isso de seu filho.

- Ajudamos muito, se revelamos claramente nossa profunda e irremovível vontade de permanecer junto a nossos filhos numa hora dessas - parece ser a psicóloga quem fala.

Na saída, de repente, pergunta a Dalbert:

- E a criança que não fala?...

- A criança que não fala?... Bem, talvez ainda não conheça a morte... conhece a ausência...

- Meu Deus! Tenho de permanecer junto a meu filho!
- exclama.

Dalbert insiste que "ficar junto ao filho" significa mais do que "ficar junto ao filho". É fazer o que tem de ser feito! É ir até o cônsul do Inter e perguntar: "Jackson foi selecionado?".

Tem outra idéia: Empréstará o telefone celular. Angelita entregará o aparelho ao filho. Ele poderá telefonar de dentro da Bolha para o hotel. Ela também poderá ligar à hora que quiser. Mariana, sua filha, vai compreender. Será por pouco tempo, o tempo que durar a hospitalização de Jackson.

O cônsul, gerente de uma instituição financeira, a faz sentar, tomar cafezinho.

As feições do cônsul vão se tornando acinzentadas ao falar pelo telefone com alguém do Inter. Emudece. O silêncio constrangedor é rompido por Dalbert:

- Você é um homem humano, não quer magoar esta mãe.

- O Falcão, no melhor de sua forma - racionaliza o cônsul - foi barrado da Seleção... na Copa da Argentina...

Caminhando pela praça, Angelita questiona-se: Deve dizer a verdade ou "dourar a pílula", como condena o Dr. Drácula? A questão é: O que fará mais bem a Jackson?

11

Angelita, no almoço, elabora raciocínio que lhe faz bem: As visitas a Jackson são muito curtas, só há tempo para a verdade.

No vestiário da UHQ, reforça a decisão e, assim que encontra o filho, diz-lhe a verdade; porém, não se agüenta e emenda com aquela explicação sobre o Falcão e a Copa da Argentina.

- Não viverei o suficiente para provar que posso ser um sucesso.

E nada mais fala Jackson sobre o assunto, mesmo Angelita gaguejando algo a respeito, esperando um diálogo maior.

- Taísa vai passar seu aniversário de quinze anos internada aqui neste hospital - comenta Jackson.

Angelita olha apressada para o leito de Taísa... parece estar dormindo.

- Mãe, - continua Jackson - Taísa não fala. Mas...essa noite... ela disse: "A morte é horrível, não se pode mais ter a mão de mamãe".
Angelita chora.

- Mãe, isso não pode continuar. Quero morrer. Sinto te dizer, minha mãe.

- Por favor, jamais volte a dizer...

- A morte já me assustou mais, mas não queria magoar vocês.

- Por favor, se você morrer, eu morro também! Eu enlouqueço! Jackson, só você pode me salvar!

- Não quero que vocês sofram...

Angelita entrega-lhe o telefone celular. Explica como o conseguiu. É para ele ligar sempre que tiver saudades.

Lembrando-se do pacote, retira-o da bolsa. Revela sua origem. Não sabe por que o está trazendo. Por Jackson estudar inglês? Para que tenha a surpresa de abri-lo?

No vestiário, completamente abalada, Angelita se recrimina, tem ímpetos de bater com a cabeça na parede:

- Como posso - murmura - me sentir magoada por Jackson se referir a *vocês*. Esse *vocês*... não suporto. Quero ouvir: "você... você..."

No corredor, Angelita encontra o Dr. Delfino e se queixa irritada:

- Por que me olham como que dizendo: "De novo por aqui?!" Todos passam roçando por mim e nada me falam. Lourdes, aquela enfermeira, antes me dava alguma atenção; agora, quando chego, faz que está trabalhando. Pensam que eu não percebo?

Dr. Delfino põe a mão sobre o ombro de Angelita:

- Você acha mesmo possível trabalhar diariamente na UHQ e manter sempre o bom humor? E não andar freqüentemente de mal com a vida, sem querer ver ninguém?

De imediato, Angelita se aquieta. Dr. Delfino prossegue:

- Hoje... nessa noite... Jackson sonhou ter fugido daqui com Taísa para a ilha de Fernando de Noronha. Jackson me disse que, no sonho, ele e Taísa fizeram um pacto: Após muito se refrescarem e nadarem com os peixes, de repente, morreriam... mas morreriam lá, com os peixes.

Dr. Delfino tira os óculos e seca lágrimas discretas.

12

De volta à rua, Angelita caminha ao léu, tristeza que chega a doer.

Aroma adocicado penetra seus sentidos e a faz observar a jovem de bicicleta, seu lenço estampado e esvoaçante. Pedala preguiçosa, aproveitando o sol fraco e o ventinho refrescante.

Depara-se com um bar.

Entra.

Ambiente escuro. Alguns homens, que julga lavadores de carro, tomam cachaça. Pede cachaça. Vê estranheza no rosto de quem atende ao balcão. Bebe de um só gole. Parece que não tomou nada. Numa mesa de canto, quase escondido, vê o Sr.



Olmedo a lhe fazer sinal lentamente, para que se aproxime. Não consegue deixar de obedecer.

- Todas as tardes... todas as que posso... venho fumar um, escondido... - confessa, apontando para o cigarro aceso no cinzeiro. - Às vezes, em troca de um liso, um desses me leva para a emergência... para o oxigênio...

Angelita conta tudo sobre o filho, falando às pressas, afobada, engolindo sílabas. Diz estar equilibrando-se para não enlouquecer. Não sabe o que fazer para agradar ao filho. Que chega até ao absurdo de dar ao filho um pacote endereçado a Nova Iorque, encontrado no quarto do hotel...

- O pacote... - inspira o Sr. Olmedo.

Repentinamente, Angelita levanta-se e sai. Sai sem lembrar de pagar.

Se meus alunos me vissem bebendo cachaça? Alunos? Postura frente a alunos? Bobagens.

Caminha sem destino.

Atraída por um cheiro de incenso, entra numa loja que vende material a ser utilizado em terreiro de umbanda. Pelo menos é o que lhe parece.

Responde que ainda não sabe o que vai comprar, está só olhando. Ouve uma mulher de óculos escuros, alta e magra,

que explica à que lhe parece ser a dona da loja e a um homem velho e enrugado escorado no balcão:

- A minha reentrada foi feita pela cabeça. Eu não só resbalei e caí na neve do Central Park, como continuei deslizando e bati não sei onde. Só sei que eu vi apanharem meu corpo e tirarem-no debaixo de muita neve. Foi como um chhhh e tive a sensação de que era puxada através de uma espécie de funil. Um funil escuro. Eu me movia através dele rapidamente, de volta a meu corpo. Eu não comandava nada. As coisas apenas aconteciam. Há pouco estava longe de meu corpo e, logo após, já estava entrando de volta nele, pela cabeça. Estava sendo sugada para dentro de meu corpo. E era pela cabeça. Tentei dizer às enfermeiras que me atenderam o que havia se passado. Era Nova Iorque, ninguém entendeu meu inglês...

Angelita retira-se irritada. Como é possível alguém acreditar em tamanha fantasia? Tem vontade de brigar, de discutir com alguém. Necessidade de falar e falar alto.

Vê Thirso em um banco da praça. Vai até lá.

Conta-lhe da "reentrada pela cabeça". Thirso diz que Deus-Aldo gostaria de ouvir isso. Iria acreditar, é religioso, de qualquer religião, de todas. Mas não é por isso que o chamam de Deus.



- Faz muito tempo. Ele ainda era novo, mas já era grandão, gordo e usava barba. Estava fazendo reparos na sacristia de uma igreja da zona rural. O padre criticava, num sermão, as religiões que prometem milagres fáceis: "Deus não se presta para isso. Se eu pedir para ele aparecer, ele vai aparecer por aquela porta?". Nesse momento, o Aldo aparece por aquela porta. Grandão, barbudo, usando uma espécie de avental. Vendo que a missa continua, recua. E o padre, que nada vira, segue falando aos fiéis, naquelas alturas meio confusos com a aparição daquele homenzarrão de barba. O padre, para ser mais enfático, fala bem alto: "Deus, venha cá!". Aldo, que havia recuado, ouvindo apenas o "venha cá" vai à porta novamente. E de novo aparece e recua. Ouvindo o "Venha cá!", mais uma vez, num impulso, retorna à porta. Houve de tudo entre os fiéis, risos, expressão de espanto e consta que alguns até fugiram da igreja.

Angelita se assusta com a intensidade de suas próprias gargalhadas. É a cachaça, deduz.

Thirso segue descrevendo Aldo: ora dispunha de muito dinheiro, ora estava na miséria. Atualmente é corretor de terras e parece que ganha bem. Pode ser muito bom ou muito ruim. Agora, anda com idéias malucas de vingança. Quer vingar-se de um sujeito, um médico, por causa de um acidente ocorrido há...

Angelita retira-se em passos curtos. Nem se despede.

Vai ao hotel. Que mãe eu sou?!, lastima ao abrir a porta do quarto. No banheiro, vomita. Que mãe eu sou?! Se Jackson sente dor, eu também devo sentir dor. Pensa em se queimar no gás do fogão. Lembra-se de que no quarto não há fogão, mas poderia esfacelar o dedo no vão da porta. E se sobreviesse a infecção? Levaria infecção para Jackson? Preciso sofrer como o Jackson, mas como vou conseguir?

13

Reencontrando Dalbert no café da manhã, sente-se levemente vaidosa por ele vê-la bonita. Na verdade, sempre tivera uma boa imagem de si mesma: corpo esbelto, cabelos loiros compridos, rosto redondo, olhos azuis, algumas poucas rugas. Isto que agora andava descuidada. Imagina-se de vestido longo num envidraçado restaurante de Paris com ampla visão da Torre Eiffel, dos balões coloridos, do homem dos halteres, da criança do patinete.

Acabara de ter um sonho. Nele, está admirando um bonito piano; limita-se a olhá-lo; não lhe pertence. Por isso, hesita em tocá-lo, estica furtivamente a mão e é como se fizesse sair um som que pouco a pouco se eleva. Foge, mas foge

desesperada, com ambos os ouvidos tapados pelas palmas das mãos.

- Este sonho me fez lembrar de um outro, sonhado por Jackson, sobre um copo de guaraná que ele não conseguia alcançar - conclui Angelita.

Dalbert pensa: De que adianta saber que existem sons tão belos, tantas coisas mais nessa vida se não vai poder vivê-las? A fuga é o melhor. Creio que Angelita principia a perceber a morte provável de Jackson.

- Por favor, - interrompe Angelita - sei que você tem algo a me dizer sobre o sonho. Preciso saber.

- Bem... - vacila Dalbert - a alma humana é muito complexa para ser explicada assim... de repente, por um simples sonho. O ser humano tangencia as estrelas com a imaginação, antecipa o futuro, ou melhor, imagina antecipar o futuro...

- Esse sonho me deixou confusa: Posso ficar muito triste com ele ou até sentir um sentimento muito bom. Não sei me decidir.

- Angelita, não há duvida, o sonho mostra quanto você está junto de seu filho. Sonha como ele, sente como ele. Aí reside o sentimento bom do sonho. Angelita, você deve ter um interior muito bonito.

Angelita enxuga algumas lágrimas.

- Aos poucos tomo consciência do fim.

- Gostaria de conseguir lhe dizer coisas melhores, Angelita, - comenta baixo Dalbert com os olhos vermelhos - mas, numa hora dessas, ninguém sabe o que sugerir. Acho que você deve expressar a Jackson o seu sentir por inteiro. Evite ao máximo aquele cotidiano jogo de superficialidades, de faz-de-conta, de meias verdades que habitualmente temos.

Angelita lembra-se do filho menininho, sussurrando em seu ouvido. Dezesseis sussurros, uma espécie de segredo que mantinham os dois. Primogênito, por dois anos e meio, só teve ele de filho. Vivia grudada nele: era o balanço, o escorregador, a caixa de areia, as corridas atrás da bola grande de plástico, o sorvete...Vê-lo concentrado no sorvete: Já houve mais maravilhoso espetáculo?

Marilena interrompe-a com recado de Alfonso: virá amanhã com os outros filhos, alguns parentes e amigos de Jackson. Pede que diga a ele quanto todos o amam.

Na praça, Angelita encontra Thirso e Deus-Aldo. Thirso está a dizer:

- Os adolescentes gostam de toques, basta vê-los juntos. Não sabem conversar sem se tocar. Na condição de homossexuais, somos mal interpretados pelos adultos, quando, junto aos adolescentes, agimos da mesma forma que eles.

Angelita sente-se muito irritada. Como vou tocar em meu filho?, pensa indignada.

Ao vê-la, Thirso retoma a conversa sobre religião. Diz a Aldo que contou a ela as razões por que o chamam de Deus-Aldo:

- Sou católico - continua Thirso - não tanto pelas idéias do catolicismo, mas por sua forma, por uma questão de estética.

Segue falando com entusiasmo. No início teve vergonha de freqüentar igrejas. Certa vez, acendeu uma vela numa igreja italiana, surpreendendo-se pela beleza da chama. Este gesto não lhe pareceu idiota, satisfazia-se nele. Por que se privar do prazer de criar uma luz?

Angelita nota quanto Deus-Aldo está diferente: sua frio; constantemente tira baforadas de um charuto. Há quanto tempo não via alguém fumar charuto? Deus-Aldo nota que está sendo observado e toma a palavra:

- Você continua sem encontrar sentido para sua vida, Thirso. O que não é de todo mau: o sentido da vida é buscado pelo homem desde o início da espécie. Ele não pode ser inventado, tem de ser descoberto.

- Aqueles que amam a humanidade... - tenta argumentar Thirso.

- Quem ama a humanidade não ama a ninguém. Só se amam pessoas concretas. Nunca, substantivos coletivos, generalidades - intervém Angelita em tom áspero.

- Eu, até hoje - intromete-se Deus-Aldo - amo uma menina de minha adolescência que morreu jovem, brutalmente. E eu ainda não cumpri meu dever para com ela...

- Aldo, - intervém espantado Thirso - estou com medo de você! Olha que você está entrando naquelas fases ruins de novo. Pare com essa história de vingança!

- Este é o sentido de minha vida, descobri: pôr em ordem o meu passado. Não se trata de vingança, apenas pôr em ordem. Esse que matou ali na frente do hotel pôs em ordem algo que estava em desordem. Se Letícia não tivesse morrido, teria sido outra minha vida...

- Sabe de quem ele quer se vingar?! Sim, vou tornar público para ver se você pára com isso. Angelita, é do Dr. Delfino. Sim, do médico que atende seu filho. E sabe por quê?

Porque na juventude ele dirigia um carro em grande velocidade, capotou e a Letícia adolescente morreu. Morreu queimada dentro do carro.

- Não foi tão acidente assim...- aparta Deus-Aldo.

- Além do mais, Angelita, você não acha que Aldo já está suficientemente velho para algo que se passou na adolescência, entre adolescentes?!

- E o meu filho?! - grita Angelita para Deus-Aldo - Pra ti não importa que fique sem médico?!

- E a Letícia que perdeu a vida?! Você tem os seus dramas, eu tenho os meus...

Angelita, levanta-se de onde está sentada e, exasperada, grita:

- Você quer que meu filho morra sem atendimento?! - avança sobre Deus-Aldo e esbofeteia-o no rosto.

Caindo em si, corre para o hotel.

Tranca-se no banheiro do quarto e explode em soluços. Asfixiada de dor, o corpo revulsa e enrijece.

15

Angelita chega ao Hospital bem antes da hora da visita. Ficara com uma espécie de medo do quarto do hotel. De enlouquecer?, pergunta-se. Acha melhor não matar o tempo na praça: vergonha do Thirso, poderia encontrá-lo. Do Aldo sente é raiva.

Esperando, recorda, quando barri-guda e com contrações, chegou ao hospital para, pela primeira vez, ter um filho. Alfonso estava eufórico, na época se amavam. Sim, amavam-se. Foram anos fugidios de imenso afeto: vida gostosa, suave, alegria por qualquer coisa, pairava leve sobre os pequenos probleminhas do dia-a-dia...

Principiam conversas estridentes no corredor. Em determinada enfermaria, estão desaparecendo coisas. Muitos pacientes já reclamaram. Nada foi feito. Os pacientes sabem quem rouba: uma atendente baixinha, de cabelos curtos. Temendo novos roubos, permanecem acordados.

Angelita, num gesto súbito, vira-se e caminha decidida. Isso não pode continuar assim. Não precisa andar muito para encontrar o diretor e despejar toda sua revolta contra a administração que não despede essa ladra. Será que aqui só existe gente bandida?

O diretor faz sinal para que ela se acalme e a conduz até uma enfermaria ocupada por muitos pacientes. Pára na

frente de um leito e pede a uma senhora obesa, deitada de costas, que repita o que recém acabara de lhe contar.

- Sobre o rapaz? Ah, Sim! Hoje acordamos melhor aqui na enfermaria. É que, nesta última noite, apareceu um rapaz moreno, alto e simpático, dando boa noite e dizendo que estava ali para tornar nossa noite mais agradável. Atendeu a todos, todo o tempo, com paciência e boa vontade.

Angelita retira-se apressada. No corredor espera pelo diretor. Sabe que em toda a parte existem pessoas boas e pessoas ruins, que ela está se estranhando, anda belicosa, nunca o fora, que ele não repare.

Na visita, nota que Jackson fala lentamente e em tom baixo, assim como quem lança comentários soltos no ar.

Quando Angelita dá o recado do pai e dos irmãos e avisa que eles estarão amanhã no hospital, tentando vê-lo ou, pelo menos, ficando mais próximos dele, e que alguns amigos e outros parentes também virão, Jackson diz que conseguiu se comunicar com o pai através do celular. Já sabia disso tudo e fala que o pai ficara muito alegre. Depois, conversara com os irmãos, mas não tinha deixado para eles o número do aparelho: quer que seja sempre direito dele decidir a hora de telefonar.

A filha do dono do celular havia ligado. Esquecera que o telefone não estava mais com o pai. De repente, muda de assunto:

- Eu poderia ir a um jogo do Inter... de ambulância?

Angelita quer dizer alguma coisa cheia de sentimentos, mas nada lhe vem a cabeça.

- Mãe, peça ao Dr. Delfino que me dispense da fisioterapia... algumas dores a menos...

Angelita sente-se pesada como chumbo.

- Mãe, e York? Sim, o pacote foi remetido de York...

- O pacote? Ah! Você ainda não o abriu?

Jackson sacode-o junto ao ouvido e nada responde.

Na saída, Angelita, não encontrando ânimo para conversar sobre o filho com o Dr. Delfino, comenta ter conhecido um homem que lhe tinha ódio.

Delfino mostra pouco interesse no fato. Já sabe quem é. Outras vezes fora ameaçado por esse mesmo sujeito.

- E... se me matarem... será um favor. Pelo menos descanso.

Vendo Angelita surpresa, explica:

- Na adolescência, vivi uma tragédia, até hoje me culpo. Só por culpa alguém passaria sua vida aqui... Em geral, são as enfermeiras que fazem o pior serviço. Quando se trata de queimados, são os médicos. Não nos limitamos a mandar trocar os curativos, somos nós que os trocamos. E a remuneração é bem menor que a obtida em outros procedimentos. Então, por que passar a vida aqui? Por culpa, por muita culpa. Os outros colegas trabalham alguns anos e... desistem... simplesmente desistem.

16

Angelita caminha lentamente por calçadas de ruas desconhecidas.

Entra numa igreja, mais para descansar. Metodista?, pergunta-se.

Sente-se esvaziada, oca por dentro.

Em frente aos bancos da igreja, um homem principia a falar. Ensaia uma futura pregação, é o que deduz Angelita.

- Vou lhes contar hoje, - tosse e continua lentamente - vou lhes contar do conteúdo de um livro precioso, cujo título esqueci. Determinado homem observa os colecionadores de

conchas, de estrelas-do-mar e de outros moluscos vivos. Correm, discutem, caem uns por cima dos outros. Fervem as casas dos moluscos com seus ocupantes dentro em painéis com água quente, fornecidas pelos hotéis de veranistas. Em suas cidades, exibirão suas coleções a parentes e amigos e observarão inveja no rosto de muitos deles. O homem que observa nota a figura solitária de um velho que lança estrelas-do-mar ainda vivas para além da rebentação. "Sou um lançador de estrelas", autodefine-se o velho. "Dedico-me a ajudar a proporcionar mais um dia, mais uma oportunidade à vida".

Angelita tem uma passageira sensação de paz interior: um dia, mais um dia, um dia é o que verdadeiramente existe.

Sai da igreja sem fazer barulho, não quer ouvir os comentários que o ensaiador de sermão principia a fazer sobre o "lançador de estrelas". Vai estragar tudo, prevê.

Na praça, senta-se sob aquele conhecido plátano. Lembra-se dos outros filhos, uma lembrança vaga.

Sua mente volta-se, como diz, para os sons da natureza. Pensa nas estrelas do mar, observa as folhas do pé de plátano a balançar. Até parece ouvi-las com seus sons semelhantes aos das asas dos pássaros grandes, a empurrarem o vento. Essas folhas parecem empurrar o vento em vez de serem por ele empurradas.

Concentrada nos sons, ouve uma canção. Vem das folhas do plátano? Não, do rádio do táxi parado no ponto da esquina. Inicialmente, mal e mal audível; gradativamente, ouve-a melhor: "Oh! pedaço de mim / Oh! metade afastada de mim / Oh! pedaço de mim / Oh! metade arrancada de mim / Oh! metade adorada de mim".

- Meu Deus! - exclama Angelita - Foi feita pra mim.

Escorrega para a ponta do banco e, com a mão direita sobre o abdômen, dobra-se para a frente.

17

Acaba de chegar ao pequeno restaurante do hotel. Marilena, da cozinha, xinga o marido que está a passar uma escova no que parece ser uma farda antiga. Vendo que Angelita o observa, ele se volta e diz:

- Farda do meu avô, do Corpo de Provisórios, 1923. Houve luta por aqui, um pouco adiante do hospital, ali no Quartel do Vinte. Tchê! Aqueles é que eram tempos para se viver! Meu avô carregava muitas cicatrizes, queimaduras, mas nunca se arrependeu de ter participado do 6. Corpo de Cavalaria da Brigada do Rio Grande do Sul. Afirmava que a

gente está na vida para descobrir, para lutar, para arriscar. De qualquer jeito a gente morre. Tchê! É melhor morrer assim do que de covardia.

A mulher retorna da cozinha e, com voz de comando, manda-o à padaria. Como se ele não soubesse que estava na hora! Ia servir a sopa sem pão?

Enquanto o marido se retira obediente, ela senta para conversar. Confessa que, se a cultura não fosse tão machista, ela se separaria. O marido não presta para nada, só como manda-lete, buscar isso e aquilo. Que ela tem vontade de bater nele... mas dá só uns beliscões. Ela é que tem de arrumar dinheiro para o sustento dos filhos. Arrendara o hotel, mas, assim que der, irá desfazer o contrato e cair fora. Já não gostava muito daqui, e depois do crime... É terrível ver uma pessoa sendo assassinada. O Sr. Olmedo, amigo dos dois, é que deve saber o que se passou, mas ele quase não fala. Apenas pedira para trocar de quarto, alegando preferir um de fundos, de onde não visse a calçada do crime. Você está no quarto em que ele estava. Gostaria mesmo, continua a falar Marilena, gostaria mesmo é de se separar, mas e se, depois, não arrumar outro?

Angelita teve vontade de dizer que é possível viver sem marido, que ela também quer se separar e que... mas não tem ânimo para esse assunto. Apenas escuta e tenta se mostrar atenta, como manda a boa educação.

A mulher diz que sonha ganhar na Sena. Faria seus filhos estudarem nos Estados Unidos.

Filhos?... , reflete Angelita. Que bom quando ainda se pode sonhar com o futuro deles.

Janta pouco. Quase ninguém no restaurante. Sábado. Todos procuram restaurantes melhores ou vão em busca de suas famílias. Famílias, de que adiantam famílias?...

Tem seus pensamentos interrompidos com a chegada de Thirso. Aldo comprara nitrato de amônia. Este fertilizante, misturado com óleo diesel, torna-se explosivo potente. A explosão do World Trade Center foi feita assim. Thirso teme que Aldo esteja planejando cometer algo terrível. A propósito dos Estados Unidos, Angelita conta a Thirso do pacote. Resolve contar também para Marilena, que não dá importância: hóspede algum reclamou. Nada sabem de York.

No quarto, Angelita permanece junto à janela. Numa parada de ônibus, pessoas esperando. A visão de uma menina a faz lembrar de dias de interminável espera... interminável espera da mãe. Há tempos que não recordava. A mãe, separada, fora trabalhar na cidade grande.

- À noite - murmura - eu aguardava aflita sua volta na parada de ônibus. Não agüentava esperar em casa. Os ônibus passavam e ela não estava em nenhum.

Angelita permanece muito tempo na janela. Olha fixamente as folhas daquele pé de plátano bem seu conhecido.

18

- Sonhei contigo, mãe. No sonho, você era muda - comenta Ana Maria, a filha de quatorze anos.

Fábio, o filho de sete, exclama:

- Faz tanto tempo que você saiu de casa! Achei até que tinha morrido.

Angelita procura esconder o choro naquela manhã sem graça de domingo.

O marido, só falta vender a casa; se for preciso, vai fazê-lo, tem comprador. Trouxe-lhe queijo, manda os filhos para a praça.

Passa a mão nos cabelos de Angelita.

Sexo?, angustia-se Angelita, adivinhando intenções. Nem tente, afirma interiormente. Não me interessa mais.

Parecendo compreender, Alfonso recua calado. Angelita pensa: ele também não quer, deve querer com a

amante, ainda deve tê-la, mas precisa fazer de conta que quer comigo para dar a impressão de que não mais a tem.

Dirigindo-se ao hospital, Angelita pensa na possibilidade de Jackson morrer sem haver transado, porque, se transou, foi uma que outra vez.

É interrompida por dois amigos do filho que também vieram com a intenção de visitá-lo. Contam que o Leandro está desconcertado, que se culpa pelo fato de ser dele o carro que provocou a tragédia. Queria vir, mas não teve coragem. A Saletinha man-dou uma carta.

Angelita entra no hospital com o envelope na mão. Como esperava, ninguém além dela poderá ingressar na Unidade. Discutem. Não adianta. Concluem que, enquanto Angelita passar os preciosos dez minutos com Jackson, eles deverão procurar se localizar o mais perto possível da porta.

Angelita consegue que Jackson ligue para um dos telefones do hospital e fale com cada um que o visita. Ele o faz com frases curtas e depois permanece calado. Justifica: Está momentaneamente em paz, não tem por que falar. Percebendo que o tempo está se esgotando, comenta:

- Mãe, consegui uma coisa boa aqui: a certeza de que existem pessoas que gostam muito de mim. Difícil de acreditar, mas, apesar de tudo, estou satisfeito.

Conta-lhe que tem conversado com Mariana que, a pedido dele, irá ao Pão de Açúcar e, através do celular, lhe descreverá tudo; que ela descobriu que York fica na Austrália Ocidental e que ele, não sabe por que, ainda não abriu o pacote. Como é que um pacote remetido de York para New York veio cair onde caiu? E não tem carimbo de correio brasileiro; então, alguém o trouxe.

- Veja, olhe bem, só há carimbo da Austrália e dos Estados Unidos.

À noite, sozinha no quarto, Angelita ainda conversa em pensamento com os familiares. Lança mão de argumentos variados para justificar por que eles devem voltar para casa: questões de dinheiro, o trabalho do marido, os estudos... Bem, todos sabiam ser impossível ficar. Angelita tem consciência de que eles apenas querem deixar registrado quanto gostam de Jackson.

Por que a necessidade de criar inúteis discussões interiores?

Principia a dormir e acorda aos gritos: assustara-se com a imagem da cena seguinte ao acidente, com aquele momento em que vira o filho coberto de óleo, gritando de dor.

- Não pode ter acontecido com Jackson, não com Jackson! - exclama.

Levanta-se. É tarde da noite. Pela janela, vê o céu escuro; não há estrelas. Isso só poderia acontecer a outras pessoas, àquelas dos noticiários dos jornais, mas não com meu filho!

19

- *Esta* noite, voltei sozinha ao hotel - diz para si Angelita, dando-se conta de que já é sexta-feira e que, desde domingo, nada de novo acontecera.

Nesta semana, Jackson pouco falara com ela. Parecia só se interessar pelo pacote que ainda não abrira e por conversar pelo celular com Mariana, a filha de Dalbert.

- *Esta* noite, voltei sozinha ao hotel - repete obsessivamente.

Vai à janela e pensa: Jackson está conhecendo o Rio de Janeiro através de Mariana. É maravilhoso. Mas por que ele esconde isto de mim? Dalbert tem me contado. Mariana incorporou com im-pressionante entusiasmo a função. Conseguiu que a levassem ao Cristo Redentor, a Copacabana, à ponte Rio-Niterói, nem sei mais aonde.

- Esta noite, voltei sozinha ao hotel... por que estou a dizer isto hoje, se sempre volto sozinha?

Jackson não fala mais. Parece sorrir com os lábios, mas nada diz. Só fala com Mariana. Comigo não abre a boca, presta mais atenção no pacote do que em mim. E eu... eu volto sozinha para este quarto. As angústias já estão aqui me aguardando. Elas esperam apenas que passe um pouco de tempo para surgirem.

Angelita caminha pelo quarto com passos curtos e bem lentos. É tarde da noite. Há silêncio. Ouve agora a descarga longínqua de um vaso sanitário. O silêncio das ma-drugadas, neste pobre hotel, é estúpido e indiferente, reclama para si. Às vezes, consigo suportar sem muito sofrer. Sou então normal? Não é assim que todos fazem quando perdem alguém? Choram e depois voltam a dormir?

Angelita admira os plátanos, parcamente iluminados pelas lâmpadas ama-relas da praça.

- Por que não sou normal como todo mundo?!

Não, não, eu sou diferente. Esse bom comportamento frente à morte não passa de esquecimento. Angelita vê, no balanço das folhas dos pés de plátanos, algo como um sinal de concordância, de aprovação. Posso até morrer junto, por excesso, por tensão, por cansaço de tanto lembrar.



Deita-se, recordando quanto sofreu ao saber da amante do marido. Ele ainda deve continuar com ela, é mais nova... é mais feia, ignorante, burra. Não morro de amores por Alfonso, mas ser trocada por outra é deprimente. Por outro lado, estou mais livre para amar Jackson. Sente-se orgulhosa ao lembrar o momento em que o Dr. Delfino optou só por ela, só ela poderia entrar na Unidade.

Mas por que Jackson não fala mais comigo? Ele não fala com quase ninguém. Só com a Mariana. Tudo bem que não se interesse mais por nada desta vida. Mas por mim também?! Está noutra mundo, assim como quem está absorto, envolvido noutra dimensão. Que dimensão será essa que eu não consigo atingir? Mariana ainda consegue, mas Dalbert me disse que Jackson já não está mais tão interessado no Rio como no início.

De súbito, senta-se na cama. Medo! Pânico! Onde estou?, grita interior-mente.

20

Angelita sai da Unidade Hospitalar para Queimados muito aflita. Jackson só falou uma vez e frase sem sentido: algo sobre futebol, como se estivesse jogando no time do Inter. Na

saída, encontra o Dr. Drácula, conversando com familiares de pacientes no corredor:

- Preciso lhe falar sobre seu filho. Ele passou a apresentar o que chamamos de Psicose do Queimado. Está ouvindo sons que não existem: ouve um bater de sino, mas não é o da igreja aqui de perto. Está paranóico: insiste haver presenciado tortura na enfermaria na noite que passou.

- Meu Deus! Por que ele está assim, doutor?

- Bem, por um lado, isto se deve à falta de sono e de privacidade, à exposição constante de seu corpo e de suas emoções. É problema relativamente comum. Ainda bem que não é Síndrome Cerebral Orgânica por septicemia...

Angelita não presta atenção no restante das explicações. Vai embora agoniada por tudo que ouvira e por Jackson não mais se comunicar com ela. Sente alívio ao pensar na idéia de que ele está noutra dimensão e de que ela pode alcançar esta outra dimensão para poder se comunicar com ele.

Na praça, pensa: Será que essas folhas amareladas passam mudas e incomunicáveis todo o tempo? Quem sabe elas mantêm algum tipo de contato entre si e nós não percebemos?

Angelita sente um vazio muito grande, como se ela não fosse ela; fosse outro ser, nem sei se humano, pensa. Vê ao longe Thirso e sente medo. Resolve ir diretamente ao hotel,

passando ao largo para não ser vista por ele. Fecha a porta do quarto, suando frio. Vai para baixo das cobertas. Levanta-se, fecha bem a janela e volta a deitar. Treme. De repente, vê ela mesma à sua frente. É pesadelo? Agora está amarrada e amordaçada, Dr. Drácula orienta quais as partes de sua pele que Deus-Aldo deve cortar.

Acorda, pela madrugada, cansada e confusa. Não tenho mais certeza, pensa resignada, de quando é sonho, de quando é realidade. O sonho... o sonho é também realidade.

Parece dormir de novo, mas, daí a pouco, conclui: Nunca mais saberei se estou dormindo e tendo pesadelos ou se estou acordada sofrendo.

21

Angelita deixa correr a água morna do chuveiro sobre a nuca. Cabeça baixa, imóvel tal qual uma estátua. Vem-lhe à mente algo que, calcula, deve ter lido: “Uma boneca de sal foi medir as profundezas do oceano. Tão logo mergulhou nele, dissolveu-se. Agora, quem pode dizer a profundidade do oceano?”

Dá-se conta de ter passado o domingo como se estivesse anestesiada ou dentro de uma bolha. Bolha?, pergunta-se, lembrando Jackson.

Consegue trazer à consciência poucas imagens do dia que passou: vagamente, a silhueta de Alfonso; um pouco mais nítida é a fisionomia de seus filhos.

Como é bonita a Saletinha, o Leandro também. Andavam muito juntos, será que já são namorados? Eles se afastaram um pouco, quando Jackson teve sua cama arrastada até a janela e, então, olhando com dificuldade para baixo, lá para o estacionamento, abanou, lentamente abanou para todos.

Jackson voltou à Bolha. Saí da Unidade sem ouvi-lo dizer nada. Continua a sacudir o pacote de York para New York junto ao ouvido. Por que ainda não o abriu?

Passa a toalha devagar sobre os seios. Estou acordada? Não, estou dentro dos pesadelos.

22

Na manhã de segunda, Angelita encontra Dalbert no café. Continua com aquela sensação de nunca saber se o que

está vivendo é parte de um sonho ou se está acordada. Mostra-se sorridente para disfarçar. Disfarçar o quê?, pensa. Será que percebem que eu ando assim... dormindo? Então não é sonho, em sonho eu não teria esse tipo de preocupação. Ou teria?

Conta do *York, New York*, deno-minação que passara a dar ao pacote. Dalbert já sabia, a filha lhe falara.

Por que Jackson não abre o pacote?, questiona-se interiormente Angelita.

- O que significa o pacote? - pergunta-se em voz alta Dalbert, acreditando ser esta a questão que se fazia Angelita - Creio que toda e qualquer explicação, por mais brilhante que seja, é falsa. De qualquer forma, o pacote, para Jackson, é um pouco de você, foi você que lhe deu.

Dalbert, não sentindo vontade de continuar o assunto, conclui:

- Para nós, que acompanhamos Jackson e sua relação com o pacote misterioso, para nós, essa relação é o mistério. Será sempre o mistério...

Resolvendo mudar rapidamente de assunto, conta haver se encontrado ontem com uma prima, paixão da infância.

Tenta explicar a Angelita quem é a prima. Ela não reconhece, nem pode. Alfonso é que era da cidade, Dalbert

esquecera. A prima está casada com um fazendeiro - homem desconfiado. Fez um trato: ele ficaria lendo jornal numa mesa não tão distante, enquanto eles conversavam.

O tempo não havia passado, mantinham a mesma intimidade no falar. Ela é jornalista formada e não exerce a profissão. Ele possui o título de jornalista sem ter feito curso algum: de tanto escrever em *O Nacional*. Na época, isso era possível. Agora, era colaborador de um jornal de São Paulo, por puro prazer de escrever.

Com a prima teve a sensação de que não existem fronteiras entre passado e presente, entre cérebros, entre almas:

- Angelita, tudo é ao mesmo tempo material e imaterial. Veja o arco-íris: é, ao mesmo tempo, luz e água, e ar, e cores, e nada. Veja os nossos filhos. Nunca se viram e já se conhecem, e muito se conhecem. Comungam sentimentos muito mais profundos do que aqueles que mantêm conosco que somos seus pais e os acompanhamos desde o nascimento. Mariana, a pedido de Jackson, fez contato até com a Embaixada da Austrália...

Dalbert, percebendo contrariedade em Angelita, remenda:

- Uma questão de geração. Nós humanos precisamos muito de contatos entre os de nossa época, de contatos horizontais.

O psiquiatra resolve calar-se, resignando-se frente ao que julga ser tarefa quase impossível: aliviar o sofrimento de uma mãe face à morte iminente do filho.

Lembra-se de Mariana ter-lhe revelado que guarda um segredo de Jackson, cujo conteúdo negou-se a contar: "Se você é como eu - justificou-se ela - nem sempre guarda os segredos".

Ela também havia lhe dito que, depois de Jackson, definitivamente, nunca se sentirá completamente só. Fato que lhe desagradou, pois sentia solidão quando o celular do outro lado estava na posse de seu pai?

Entretanto, bem sabia que não era essa a questão. A filha falava em algo muito especial: da supressão da solidão existencial que se tem ao se conviver, tão profunda e sinceramente, com a intimidade de alguém, principalmente quando esse alguém está vivenciando situação-limite. Pensou em falar isto para Angelita, mas, ao levantar a cabeça, está só.

Absorta em seus devaneios, An-gelita nem percebe haver ultrapassado o hospital. Segue em frente em suas recordações da festinha de aniversário. Um aninho. Alfonso até fogos de artifício comprou. Na época, havia amor, muito amor.

Jackson, um bebezão gorducho, de olhos muito espertos, tudo pegava. Ele já ria, gostosas risadas, gargalhadas até. O pátio todo enfeitado de balões parecia aquele quadro da Torre Eiffel. Havia muita criança, acho até que uma maior andava de patinetes.

No hospital, Angelita, ouvindo do filho que ele quer tomar uma coca-cola, consegue que a enfermeira Lourdes busque a bebida ainda dentro de seus dez minutos de visita. Jackson olha a garrafa e diz:

- Tome por mim.

Ela insiste, mas ele permanece indiferente, com o *York, New York* seguro pela mão direita.

Angelita sai da Unidade com a coca-cola. Acaba bebendo-a no corredor.

O Dr. Delfino a chama. Jackson está com risco de septicemia. Em alguns momentos está lúcido. Ontem, não lhe falou sobre as visitas que tivera, mas contou algo que talvez tenha sido um sonho seu: ele tinha dois bonecos, dois donalds, de um gostava muito e do outro não gostava.

- Daí ele disse: “Como vou partir na caixa, você deve colocar aquele de que eu gosto bem juntinho de mim e o outro a meus pés”.

Angelita sai calada do hospital, apenas com vontade de beber mais coca-cola. Assim o faz, quando encontra o bar, aquele dos lavadores de carro. Lembra-se do Sr. Olmedo, procura-o. Está lá, na mesma mesa. Vai ter com ele.

- O pacote... o pacote, eu o esqueci no quarto quando mudei para os fundos, para não ver a calçada... a calçada em que o Gregório deu dois tiros no Pinheiro...

Com os cotovelos sobre a mesa, queixo escorado no punho, o Sr. Olmedo fala lentamente, por entre suspiros. Angelita percebe o azulado da ponta de seus dedos.

- Comprei-o num leilão em Nova Iorque... eu viajava muito... principalmente ao México... gosto de tudo de lá... há um poeta, Amado Nervo... Bem, voltando ao assunto...

Pausa demorada para fumar. Angelita percebe que ele mal e mal encosta o cigarro aos lábios, nem chega a fumar. Assim, muito devagar, vai sabendo que o Sr. Olmedo tem criação de gado no Uruguai; viúvo, só tem uma filha. O genro administra a propriedade. Ele, por vários anos, viajou muito pelo mundo. Em Nova Iorque, no início do ano, viu que aquela viagem seria a última. Nada mais o atraía, o enfisema não era mais suportável:

- Agoniado me arrastava pelas ruas de Nova Iorque... acabei, sem rumo, entrando no leilão mensal dos Correios... Post Office Auction... aquilo me interessou... um pouco...

O sistema, explica-lhe o Sr. Olmedo, é simples. Você examina os pacotes sem poder abri-los. São encomendas cujos nomes dos destinatários e remetentes não são decifrados. Fazer o que com elas? Leiloá-las. Nada mais prático. Acostumado a leilão de gado, o sr. Olmedo se interessou. Conquistou o *York, New York* por 330 dólares. Achou pouco pelo bem que lhe fez. Nunca quis abri-lo, tinha certeza de que se o fizesse estragaria tudo. Afinal, o que poderia haver dentro de um pacote?

- Na noite do dia em que Gregório matou Pinheiro... quase o abri... Deitado sobre quatro travesseiros... é como tento dormir... num impulso, joguei o pacote para trás... Nesse momento, vi que, para mim, ele não tinha mais serventia... Abandonei-o no fundo de uma gaveta...

Procurando vagarosamente o ci-garro, conclui:

- Esse pacote aqui... - aponta para si - já foi aberto...

Angelita retira-se do bar sem saber em que pensar. Dessa vez lembra-se de pagar. O Sr. Olmedo havia acertado a cachaça da outra vez.

- *York, New York* - sussurra, refletindo sobre o sofrimento daquele homem de cabeça branca para continuar

vivo com tamanha falta de ar. Homem enigmático e ao mesmo tempo verdadeiro, consistente, sim, consistente. Com ele a gente se sente experimentando a essência, a consistência da vida. Não lhe vem outra palavra. Nele não há nada de superficialidades, aparências, rodeios. É a vida e a morte, nuas e cruas. Mas é também algo mais, há algo mais que eu não sei o que é. Seria uma pitada de paixão, - reflete - impossível paixão de outono?

Dr. Delfino dissera que Jackson desejava a "caixa" aqui, nesta cidade, porque aqui ele iria morar em definitivo. Não desejava voltar para a sua cidade. E não é porque lá ocorreria o acidente. É que Jackson deseja habitar outras paragens, a ousadia dos viajantes. Não é por nada que ele se afeiçoara tanto ao *York, New York*, afirmara o médico.

Angelita pensa orgulhosa: Jackson, meu filho Jackson, é de muita coragem.

23

Angelita acorda, na terça-feira, bem cedo. Não consegue lembrar o dia anterior desde o momento em que, saindo do hospital, fora ao bar. Estranha não se afligir com isto.

No café, novamente encontra Dalbert. Consegue, falando muito lentamente, contar-lhe dos dois donalds de Jackson. Depois de algum tempo, diz:

- Eu sei que Jackson está falando que vai partir dessa vida, vai partir na caixa. Mas por que um boneco bom e um boneco ruim?

- Angelita, Jackson é um ser humano admirável. Ele sabe que não vai partir sozinho. Seus bonecos representam as pessoas que ele ama e as que não ama. Partirá com elas, serenamente, como aquele que sabe que todos farão um dia essa viagem na caixa. Angelita, você conseguiu o mais importante: Jackson não sente solidão na hora da partida.

Dalbert toca o ombro de Angelita e olha-a firme nos olhos.

Na praça, Angelita principia a ouvir o barulho do vento nas folhas dos plátanos. Não é barulho de vento, são as folhas que estão assobiando docemente.

Senta no banco de sempre.

Sou como árvores, sou parte do universo. Não sou um ser extra-universo, um *EU*. Nem *ET* eu sou. Árvores não temem o fim. Quando me sinto parte do universo, também não temo.

Lembra-se daqueles temores obsessivos de que as folhas caíssem.

- Folhas, - murmura - podem cair, não estou com medo.

Segue ouvindo o assoprar do vento. E isso lhe faz lembrar do *sussurro-segredo*. Eram dezesseis os assopros que Jackson menininho lhe dava ao ouvido. Angelita sorri.

Na visita, ouve apenas poucas palavras confusas de Jackson. Havia se oferecido ao treinador do Inter para chutar um pênalti.

Naquele fim de tarde, encontra Thirso na entrada do hotel:

- Angelita, é impressionante como você está se transformando numa adolescente. Veja seus cabelos, o jeans, a camisa. Angelita, você mais parece um rapaz.

Agora já está deitada. Tomou banho? Não lembra. Vai ao banheiro.

Enquanto a água cai suave, murmura:

- Eu sou a pele de Jackson, eu sou os olhos de Jackson, eu sou o sofrimento de quem vive, eu sou o universo.

- Angelita continua na praça e já é quase noite! -
espanta-se Thirso. - Marilena, você viu se ela foi visitar o filho?

Houve um momento em que Angelita, sob os plátanos, quase no fim da manhã, sentiu intensa vontade de mascar chicletes, hábito dele e não seu. No início da tarde, a imagem da Saletinha ocupou sua mente. Por último, teve sensação de êxito semelhante à que, supõe, deva ter um rapaz quando é, entre muitos, selecionado por um técnico de futebol.

Levanta a cabeça e observa as folhas a balançarem. Vocês estão orgulhosas de mim, pensa. Sei que querem conversar comigo. Baixa a cabeça com um resto de riso nos lábios.

Como me faz bem sentir o que se passa por dentro de meu filho. Quando ele era nenê, bastava contrair um pouquinho o lábio inferior e eu já sabia: iria ter cólicas.

A impressão de que eu, eterna-mente, não mais me comunicaria com ele... que horror! A solidão é pesada, é torturante. Começo a me sentir leve. Minha mãe, foi algo assim que senti quando você morreu! Foram meses em que eu não tinha sossego, só aflição. Em seguida, Jackson nasceu e eu,

gradativamente, fui me aliviando. Mãe, não devemos ficar mudas...

- Agora compreendo: tenho pânico é da solidão.

Assim Angelita respondeu, ao entrar no hotel, à pergunta de Thirso sobre se naquele dia o hospital não permitira visitas.

No quarto, pela primeira vez, o celular toca. Jackson fala baixo e devagar. Fala sobre o *York, New York*. Está com vontade e, ao mesmo tempo, com medo de abri-lo. Descobrira algumas coisas sobre essa cidade da Austrália: que, entre York e New York, a distância é de uma vida, foi esta a comparação que ele usou. Alguém lhe telefonou de York. Não pôde compreender o que falava, era num inglês muito complicado. E o homem respirava muito mal... Ainda bem que a ligação estava ótima, parecia chamada local... Parece que era o prefeito, autorizando-o a ficar com o pacote. Ou seria o gerente dos Correios?... Ele queria que o *York, New York* ficasse sempre junto dele. Mãe, faça com que fique sempre comigo. Tenho pouca força para segurá-lo...

Angelita não soube fazer outra coisa a não ser chorar, chorar o pior choro. Sim, para ela, o pior de todos os choros.

Depois, é assaltada pela idéia obsessiva de ver o quadro da Torre Eiffel no restaurante. Acha a idéia absurda, mas não consegue livrar-se dela.

A peça está escura. É por isso que não visualiza nada naquela parede?

25

Deus-Aldo fugira, parece ser o que Thirso está dizendo. Deus-Aldo ficara paranóico mais uma vez com a certeza de que iriam matá-lo. Pegara o primeiro táxi e sumira. Levava junto a embalagem com fertilizante e óleo diesel.

No hospital, Angelita não estranha o fato de ninguém ter notado sua ausência no dia anterior. Enfermeiras, médicos, ninguém comenta. Jackson também. Ouviu dele apenas uma frase desconexa. Queria ver o Inter jogar no domingo? Seria isto?

No quarto, à noite, Angelita é tomada por súbita e imensa culpa. Por que deixara a mãe abandonada? Por que nunca tentara antes se comunicar com ela?

- Tudo está morto dentro de mim - afirma mirando-se no espelho.

Não se vê nele. Em rápidos *flashes*, aparecem seus olhos.

Meu corpo sumiu, pensa. Sou como o arco-íris, material e imaterial ao mesmo tempo. Um sopro... algo impossível de ser tocado. Será que sinto? Penso?

Tomada por intensa ansiedade, grita com a cabeça enfiada no travesseiro.

- Tudo que me rodeia não existe!

Não devo mais usar a palavra *eu*. Por que usar a palavra *eu*, se eu não existo mais? Larga o travesseiro.

Calma.

Todo meu corpo sumiu. Medo de quê? Sou como uma estrela carbonizada que vaga num mundo vazio.

Vai à janela. Quem é produzido por Deus pode ser *desproduzido* por ele. Aldo sumiu. Obra de Deus? Obra minha, talvez.

Desconfiaram que era ele o homem que se enterrara vivo. Fizera o buraco. Deixara a terra em cima da lona. Puxara a lona com uma das mãos e com a outra detonara a arma. Não era o corpo de Aldo.

- Quero que Aldo estoure e morra queimado!

Amassa um velho cinzeiro de plástico preto que encontra no parapeito da janela. Não sente dor na mão, mas pensa com raiva: Quem esteve fumando nesta janela? Se foi você Aldo, você me paga! Será que Aldo quer me explodir?!

Caminha bem lentamente pelo quarto. Vem-lhe passageira idéia de sair à rua. Resolve deitar. Sou um espírito? Sou uma santa? Deus? Estou sem corpo e não preciso de um. Sou imortal. Vira-se para a direita e vê as paredes do quarto tremerem. Não teme, mas incomoda-se um pouco, não muito, ao ver prepararem a corda com que vão enforcá-la. Fecha os olhos, ou já está de olhos fechados? Sim, vão enforcá-la.

26

Angelita tem a nítida impressão de que Dr. Delfino a evitou, dobrando à esquerda no corredor. No vestiário, fica sabendo pela enfermeira Lourdes que Jackson foi defini-

tivamente retirado da Bolha e que ela pode permanecer mais tempo.

Angelita mantém uma das mãos do filho na sua - com a outra Jackson segurava o *York, New York* - por um longo período, se comparado aos dez minutos habituais. Nada é dito.

Depois, na praça, senta-se no banco de sempre e concentra toda a sua atenção auditiva no ruído das folhas do pé de plátano. É outono, as folhas estão grandes, bem amarelas.

Primeiro, nota sussurros. Sussur-ros ininteligíveis. O barulho do trânsito atrapalha. Levantando, aproxima-se mais da árvore. Parecem sussurros de muitas vozes. Aos poucos, uma voz vai se impondo às demais. O coração de Angelita bate mais forte. A voz da mãe? Não sabe ao certo. Muito emocionada, um calorão alcança-lhe as orelhas. Decide retornar à noite, haverá menos barulho.

No quarto, mata o tempo como pode. Toma um banho demorado. Não sabe no que pensar. É invadida por sentimento oceânico de imenso poder. Não agüentando esperar mais, desce à portaria.

Responde à Marilena com fala compassada de quem tem vivido bem as últimas horas, com mais intensidade do que todas as do restante de sua vida. Por que está assim toda enfeitada? Ah, porque vai a um encontro. Quer dizer, à igreja.

Acha melhor mentir, ninguém vai me entender, pensa resignada.

Encontra Dalbert que lhe fala de suas preocupações com o Dr. Delfino: muito estressado, deprimido, voltando a se culpar pelo acidente da adolescência.

No banco da praça, espera a ausência de barulhos.

Vê o Sr. Olmedo saindo do bar auxiliado por um lavador de carros. Anda dois passos e pára, mais dois e pára. Vem em direção à praça nesse ritmo de tartaruga. O lavador faz sinal para os carros aguardarem. Recebe uma gorjeta e deixa-o continuar sozinho, passo a passo.

Angelita distrai-se com as buzinas desarmônicas do trânsito que atravessam a barreira dos plátanos e a atingem. Leve irritação.

Quando dá por si, o Sr. Olmedo está próximo a ela. Ofegante, senta-se a seu lado. Passam-se muitos minutos até que ele possa falar:

- Sonhei que o Pinheiro havia dado dois tiros no Gregório... Acordei mal, com aquilo a me preocupar... mas como pude sonhar isso, se os dois são como irmãos? Após o café, permaneci muito tempo na mesa do restaurante... Nunca tenho mesmo aonde ir... Apareceu o Gregório, tomamos cafezinho em silêncio... Conte-lhe o sonho... Ele riu. Ora, o Pinheiro nunca atirara em ninguém e logo nele... eram como

irmãos... Pequenos desacertos em negócios de gado... sempre resolviam por bem...

O Sr. Olmedo permanece longo tempo calado. Recuperado o fôlego, continua:

- Eram onze da manhã quando o Pinheiro chegou... Vi que tinham algo a tratar... Para deixá-los a sós, inventei que precisava do oxigênio dos plátanos...

O trânsito já é bem menor nesta hora. As palavras do Sr. Olmedo soam sobre um fundo de quase silêncio:

- Atravessei a rua e dali da calçada da praça vi tudo... Os dois falaram, falaram... deram a volta por dentro do restaurante... saíram pela outra porta... Na calçada, o Pinheiro mostrou um papel amarelo para o Gregório, guardou-o... mostrou-o novamente... Voltaram em direção ao hotel, quando, na porta, o Gregório parou de repente, saía alguém... Pinheiro trombou em Gregório que quase caiu, segurando-se com a mão esquerda na parede... com a direita sacou o revólver... Pinheiro com um tiro na perna atravessou a rua pulando... quando alcançou a calçada da praça, bem onde eu estava... bem onde eu estava... levou um tiro na coluna que o deixou paralítico... Gregório guardou o revólver e permaneceu ali parado... Viu quando levaram o Pinheiro já sem vida para o hospital... Não fugiu, esperou a polícia...

O Sr. Olmedo levantou-se e, como se estivesse falando para si, arrematou:

- Se eu não tivesse contado o sonho, Gregório puxaria o revólver?...

Angelita, inerte sobre o banco, vê a silhueta daquele homem de cabeleira branca se afastar lentamente.

Lembra-se do quadro com os balões, provavelmente o Sr. Olmedo vai sentar-se junto a ele. Terá sobre seu pulmão afogado, sobre seu cérebro de duras recordações, o retrato desenhado de um domingo alegre em torno da Torre Eiffel. Logo, logo, o Sr. Olmedo não mais estará aí. O quadro vai continuar, porque as coisas continuam. Já o Pinheiro, o Sr. Olmedo, meu filho Jackson...

Quase onze da noite... há mais silêncio. A vida termina assim, num sonho mal contado? Num motor explodido?

Concentrada no ruído das folhas do pé de plátano, Angelita não duvida, é a voz da mãe! É a voz da mãe!!

- Quanta saudade! - exclama.

Mas não consegue compreender o que a mãe está a lhe dizer: sente serem palavras de conselho, suaves... Há quanto

tempo não respirava tão leve. Percebe em si uma gostosa pitada de euforia. Após tanta tristeza, lastima-se interiormente.

Retorna ao hotel convicta: mais dia, menos dia, vai compreender a fala da mãe? Por que não tentara há mais tempo?

Antes de dormir, vai à janela, estica o braço para o alto e, com os dedos, toca algumas estrelas.

27

Sábado. Angelita, há várias horas de mão com o filho, sente saudades da praça. As mãos se tocam, mas não se tocam, conclui.

No vestiário, enquanto coloca o celular na bolsa, escuta o Dr. Delfino lhe dizer:

- A última frase que ouvi de Jackson foi a de que iria ao jogo do Inter deste domingo. Também falou algo sobre o pacote... o *York, New York*, como você e ele o chamam. Pelo que entendi, não quer se afastar dele. Mas... ele já não tem forças para segurá-lo, por isto...

Indeciso, Dr. Delfino alcança-lhe o *York, New York*.

Apressada, Angelita corre para a praça.

Senta-se e espera.

- Mãe, desculpe a demora.

Principiam os sussurros. Uma voz é a de vovó, conclui. A mais forte é a da mãe. Minha filha, é o que ela está falando, minha filha, Jackson está a caminho... Ainda está preso por desejos, desejos simples de adolescente que ele, por ele mesmo, não poderá realizar...

- Mãe, como você está aí? E vovó?

Um vento forte sacode as folhas e os sussurros não voltam mais.

Angelita espera em vão. O vento não pára.

Tudo está morto dentro e fora de mim, lastima. Tudo que me rodeia não existe: a terra, o sol, as estrelas. Estou condenada a vagar eternamente.

O marido de Marilena estaciona o carro à sua frente. Desce e a convida a ir ao chafariz, vai lavar o carro. Aceita.

Lê: Chafariz da Mãe Preta. Uma escrava chamada Mariana quis morrer de desgosto porque seu único filho saíra de casa e não mais voltara. Conseguiu que Jesus a levasse e deixasse em seu lugar uma fonte de água. Quem bebe dessa água, um dia voltará.



Angelita bebe: Jackson voltará a mim, afirma interiormente. Mariana vai ajudar. Ela conseguiu reunir-se a seu filho. Vai me ajudar, sim. Mãe preta, mãe branca, mãe de todos as cores, as mães vão me ajudar. Quanta mãe já sofreu, longe eu de ser a primeira! E quantas mães no futuro vão sofrer? A outra Mariana, a filha de Dalbert, também vai sofrer?

Não sofro tanto quanto Jackson, lastima-se. A agonia no interior dele é só dele. Sou uma mãe insuficiente. Teria de acabar como ele. Quem sabe termino eu, e ele segue em meu corpo?

A água, ao cair da fonte, joga-se sobre a que já caiu, corre sobre o prato de cimento e despenca mais um pouco, numa sucessão contínua de sons que lembram à Angelita a *Rapsódia* de Ney Rosauero. Pequeno instante em que um sopro de alívio atinge seu interior tamponado de aflição.

Surge outro motorista com carro para lavar. Ouve-o dizer que o Dr. Delfino enfartou. Enfartou?! Angelita, a princípio, surpreende-se, depois não tem certeza se conhece ou não este doutor. Já ouviu falar neste nome... Ah, lembra-se. Como pude esquecer?! Dr. Delfino também sofre. O sofrimento é comum, conclui em pensamento. Já o amor é raro. Amo, se cedo meu ser para Jackson: Angelita acaba, Jackson continua.

O marido da Marilena está a dizer que tudo passa, que tudo morre. Que ele gostaria de ter vivido em outra época:

- Naquela do Corpo de Provisórios. Havia mais heroísmo nas pessoas. Tchê, a cidade era melhor em tudo, até no futebol... havia o 14 de Julho...

- Jackson, - murmura Angelita - vamos ao jogo do Inter?

Pede que o marido da Marilena a deixe na rodoviária. Pretende embarcar no primeiro ônibus.

28

- Foi ao jogo do Inter...

- Mas, como?! E o filho?!

- Sim, é isso mesmo! Foi ao jogo do Inter!

Dalbert ouve contrariado aquela conversa da mesa ao lado, enquanto toma café sem prazer algum junto do calado Sr. Olmedo.

- Chegou pela madrugada e continua lá no quarto em vez de...

- Não sabem merda nenhuma! - murmura irritado.

- O irmão do Gregório visitou-o na cadeia... - conta o Sr. Olmedo

- Incrível! Como pode ter ido ao jogo do Inter com o filho na capela mortuária... - continuam na mesa ao lado.

- Ele disse: "Olmedo acabara de me contar o sonho em que eu levava dois tiros do Pinheiro"...

Dalbert larga a xícara com força, bem no momento em que Marilena vem lhe trazendo o telefone celular com a explicação de que Angelita pedira que lhe devolvesse. Ela havia esquecido, só lembrara agora que o aparelho estava chamando.

- Alô!

Conversa curta. No ambiente só o ouvem responder:

- Sim, sim... que bom... darei o recado, minha querida.

Conversa encerrada, permanece ainda com o telefone na orelha, absorto. Que dia terrível: Delfino na CTI, Jackson...

- O Gregório disse na cadeia: "Acho que me antecipei... você sabe, sempre considerei as palavras do Olmedo... me antecipei..."

Dalbert vê, numa das mesas, Thirso e pensa: Este, pelo menos este, não deve estar crucificando Angelita. Tem mais

compreensão e... deve estar voltado para o desaparecimento do Aldo.

Julga melhor aguardar um pouco antes de dar tão singular recado. Angelita voltara de Porto Alegre às cinco da madrugada. Precisa descansar.

Thirso, que deve ter notado seu olhar, aproxima-se:

- Sei que numa hora difícil como esta ninguém deve ser recriminado. Mas... Angelita não vai bem da cabeça.

Puxa uma cadeira:

- Ontem, ao mesmo tempo dizia, tocar estrelas com a mão e, paradoxalmente, não ter mais corpo, não ser nada além de poeira cósmica.

- Thirso, quando alguém perde uma perna, precisa reagir com lógica ou coerência? E quando perde o coração? É gente... é gente quem não se desequilibra?!

Dalbert recorda-se de uma sín-drome psiquiátrica descrita pela primeira vez no final do século passado por um

médico francês. Cotard? Jules Cotard²(*) seria seu nome? Bobagem pensar nisso agora, conclui.

- Thirso, nunca admitimos a perda absoluta da comunicação com quem verdadeiramente amamos. Por orgulho, para preservar um mínimo de honra, fazemos de conta para os outros que aceitamos. Angelita não está fazendo de conta.

Afasta a cadeira da mesa, como quem vai se levantar:

- Criamos alguma fantasia para nos mantermos unidos, seja religiosa, seja através de idéias do tipo "a espécie nos perpetuará", seja via volta ao cosmos, integração cósmica. Necessitamos de uma saída, a nossa saída contra a solidão eterna do fim. Nunca mais vou ver, sentir, tocar quem eu amo? Não! É inteligente construir dentro de nós essa ponte. Depois, é fundamental crer nela.

Ninguém nunca deixou de fazer isso. Não há ser humano que não tenha feito isso, mesmo aqueles que dizem aceitar o término...

² (*) N.E.: *a Síndrome de Cotard é um delírio de negação: Impossibilitado de tolerar uma perda, o indivíduo nega a existência de tudo, inclusive de sua própria pessoa.*

- Ontem, antes de viajar a Porto Alegre, - intromete-se Thirso - Angelita disse que havia andado por um lugar subterrâneo muito extenso, onde, por causa da escuridão, não conseguia se guiar por qualquer mínimo raio de luz, só pelo rumor de uma fonte de água, o Chafariz da Mãe Preta. Por ali encontrou a saída. Através de uma abertura redonda, viu as coisas belas que nos mostra o céu. Por entre as folhas dos plátanos, tornou a ver as estrelas...

- Angelita é uma mulher admirável. Achou na Mãe Preta o alívio para a solidão do seu sofrer. Agora sofre a pior das dores em companhia de todas as mães...

- Mas você notou - retoma Thirso ansioso - que Angelita descreveu a saída do inferno de Dante? O Canto 34 de *A Divina Comédia*?...

Dalbert, ignorando as palavras de Thirso, dirige-se à porta que dá para a calçada ainda a tempo de ver, ao longe, o lento flutuar da cabeleira branca do Sr. Olmedo.

A chuva é fina e silenciosa nesta um tanto fria manhã de segunda. A maioria das pessoas já se deslocou até o local do trabalho. Passam ainda alguns, aqueles que sempre chegam atrasados.

Vêm-lhe ao pensamento trechos de canção: "Quem passa nem liga/ Já vai trabalhar/ E você minha amiga/ Já pode chorar".

Você vai gostar, Angelita, do recado da minha filha, da minha querida Mariana.

Vontade de fumar, hábito deixado há mais de vinte anos.

Súbito, vira-se e caminha direto para a escada.

29

Coincidência, pensa Angelita, con-tei trinta pés de plátanos deste lado da praça, o mesmo número dos dias que se passaram desde que tudo isso começou. Na época, as árvores ainda não sussurravam.

Hein, Jackson! Me atralhei lá no Beira-Rio, você viu. Aquilo então é a coréia?! Me confundiram com um rapaz. "Põe ele na frente!", disse aquele homenzarrão. As pessoas pareciam admiradas ao me verem, xingavam-se entre si, mas comigo era só respeito. Quando vi, tinham me passado para o melhor lugar. Vimos o jogo de perto, heim?! Vitória sobre o Palmeiras!

Está bem, Jackson, está bem, eu já vou ao cemitério. Não precisa repetir, hoje não há vento, eu entendo bem os teus sussurros. Nem preciso ir até a praça. Daqui da janela já é suficiente. Como você é curioso! Quer ir lá ver quem está chorando por você, não é?!

Ah, não!? Você não quer as pessoas pensando mal de mim? Por não estar presente no enterro do filho?...

Batidas na porta?

- Angelita, minha querida Angelita, tenho a última mensagem de Jackson. Ele a transmitiu à minha filha antes de desligar em definitivo o celular.

Angelita está de cabelos molhados, banho tomado, acaba de prender a saia na cintura, de passar batom nos lábios, de borrifar-se perfume, pronta para sair.

- Jackson quis que a mensagem fosse trazida exatamente neste dia...

- Eu sei, eu sei, estava esperando... Vamos descendo, estou atrasada..

- A mensagem...

- ...*Sussurro-segredo*...

- Como você já sabe?!...

- Desde que a mensagem existisse... o conteúdo eu sempre saberia qual é...

Angelita procura o lenço para enxugar lágrimas que jorram fortes a ponto de respingarem no chão.

Angelita aproxima-se de Dalbert e encosta a testa em seu ombro:

- A mensagem existe! - Angelita vibra com o pulso direito cerrado. - Dalbert, abrace a Mariana por mim.

Começam a descer as escadas. Dalbert está sem palavras. Angelita confere mais uma vez a presença do *York, New York* na bolsa. Ao chegarem à rua, Angelita despede-se decidida, quer ir ao cemitério sozinha.

30

Angelita cruza pelos plátanos e segue firme em direção ao cemitério, não se importando com a chuva fina sobre seus já molhados cabelos.

Obrigada pelos sussurros, pensa, ao olhar para trás e despedir-se das folhas daquela árvore junto ao banco que tanto ocupara nesses trinta dias. Concentrada nas lembranças serenas do *Sussurro-segredo*, não vê, ao cruzar pela porta do bar

dos lavadores de carro, o lento aceno do Sr. Olmedo com um pequeno guardanapo em que parece haver escrito algo.

O Sr. Olmedo lastima não ter podido alcançá-lo a Angelita. Deposita o pequeno guardanapo dos acenos sobre a mesa como que alcançando a uma imaginária mulher sentada à sua frente.

Só ela sabia, combinação idealizada por Jackson, que dezesseis assopros, assopros parecidos a sussurros, no ouvido direito, diziam algo, algo que nunca era dito, que ela e ele faziam de conta para os outros que era dito, mas não era. Era um assopro, no máximo um sussurro: - “Ah, sim, sim, compreendo!”, - fingia Angelita.

Os outros recebiam os assopros e reclamavam não entender nada, que eram só assopros. Angelita e Jackson discordavam de pronto: - “Vocês é que são surdos... Vocês não ouvem sussurros”.

Só eu e Jackson... mais ninguém! Angelita ri alto ao se aproximar do cemitério, riso semelhante ao que ela e o filho, mais ninguém, expressavam por ocasião do *Sussurro-segredo*. Confere na bolsa o pacote. O recado do *Sussurro-segredo* foi o meu presente, pensa. O de Jackson... bate com os dedos sobre o pacote... sim, ficará sempre junto dele. É a sua vontade. Não importa o que significa esse *York, New York* do Sr. Olmedo.

Quando sua vista alcança o grupo de pessoas em pé frente à capela mortuária, Angelita é tomada por fortes soluços que a fazem parar. Aguarda alguns segundos, segundos necessários para que possa educar o choro:

- Espera! - reflete com os dedos sobre os lábios.

Procura o *York, New York* do Sr. Olmedo. Retira-o rapidamente da bolsa e coloca-o entre os seios:

- Junto dele...? - toca em seu peito com uma das mãos
- Junto dele é aqui!

Segue seu caminho por entre duas fileiras de cinamomos com seus grossos galhos podados por mãos exageradas. Aroma de rosas e de velas.

- Sou Jackson - murmura, tentando convencer-se da morte de Angelita.

Vê, ao longe, provavelmente no centro do cemitério, um bem cuidado, ereto e encorpado cipreste, com sua ponta afilada penetrando no céu.

- Senhora! - grita apressado homem maltrapilho. - É da parte do Sr. Olmedo. Guardanapo na mão, Angelita lê a letra tremida:

"Minha amiga, a expressão fiel de tudo que lhe volteia na alma, a despedida de filho tão querido com o que de mais sincero você sente...

*YO NO SÉ NADA DE LA VIDA,
YO NO SÉ NADA DEL DESTINO,
YO NO SÉ NADA DE LA
MUERTE;
!PERO TE AMO!
(A.Nervo)
OLMEDO".*

Angelita parece não entender o que lê. Repete a leitura. Soletra com voz em-bargada.

Ergue os olhos:

- Não adianta... - suspira - continuo sendo a Angelita...

Através de lágrimas, vê pessoas com contornos disformes defronte à capela mortuária onde sabe que está seu filho morto.

Lentamente, dirige o olhar ao cipreste cuja ponta afilada penetra no céu:

- Jackson, nós ainda temos... nós ainda temos a árvore dos sussurros.

✱✱

Agradecimentos _____

Aos amigos Valeri Paiva, Ligia Saggin, Maria Cristina Friedrichs e Hugo Lisboa pelos oportunos comentários

oriundos da leitura dos originais.



[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

Árvore dos sussurros é o segundo romance do autor. O primeiro, *Milan miragem*, foi publicado em 1994.

*Yo no sé nada de la vida,
Yo no sé nada del destino,
Yo no sé nada de la muerte;
!Pero te amo!*

A. Nervo



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre